

Nilópolis

Especialização em Linguagens  
Artísticas, Cultura e Educação

Rômulo da Silva Vieira

**SÓ MAIS UM SILVA OU O DIA EM QUE VIREI CIDADÃO:  
PERSPECTIVAS AUTOBIOGRÁFICAS SOBRE JUVENTUDES E  
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES**

Nilópolis

2019

CIP - Catalogação na Publicação

V657s Vieira, Rômulo da Silva  
SÓ MAIS UM SILVA OU O DIA EM QUE VIREI CIDADÃO :  
perspectivas autobiográficas sobre juventudes e construção das  
identidades / Rômulo da Silva Vieira. -- Nilópolis , 2019.  
84 f. ; 30 cm.

Orientação: Fernanda Delvalhas Piccolo.  
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) --Instituto  
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro,  
Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, 2019.

1. Autobiografias. 2. Construção de Identidades. 3. Juventudes. I.  
Título.

**Rômulo da Silva Vieira**

**SÓ MAIS UM SILVA OU O DIA EM QUE VIREI CIDADÃO:**

perspectivas autobiográficas sobre juventudes e construção das identidades

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Profa. Dra. Fernanda Delvalhas Piccolo (orientadora/IFRJ)

Nilópolis - RJ  
2019



*À memória de Nair Ferreira Vieira,  
minha avó, que me criou e me ensinou a importância  
de acreditar em mim e realizar minhas utopias.*

## AGRADECIMENTOS

Desde que comecei a crescer vocês já estavam ao meu lado. Rendo graças e agradecimentos a minha família e amigos.

A minha mãe-leoa que jamais me deixou desistir e me fortalece a cada abraço, palavra, olhar; plataforma de vôo, sem dúvidas, somos frutos de elos astrais, amor daqueles primitivos. Meu pai, ser humano mais amável que já conheci, de coração generoso, meu porto seguro. Roberta, irmã amada, ao seu lado nunca faltou carinho e alegria, eu só sou, por que você existe e nunca desistiu de mim. Miguel, meu sobrinho amado, que está preste a chegar nesse turbulento mundo louco, mas já chega com o privilégio do amor. A nós, todo amor do mundo.

Aos meus amigos do LACE 2018, Aline Marques, Adriana Carneiro, Giselli Ribeiro, Nathália Oliveira e Raphael Baêta, somos o LACE que deu certo, com amor, arte, resistência e sacanagem, vencemos com muita dignidade essa etapa, gratidão.

A minha professora e orientadora Fernanda Piccolo que com muita paciência e generosidade me conduziu na elaboração desse trabalho. Obrigado!

Agradeço aos meus guias espirituais que sempre tiveram comigo. Aos meus orixás pela proteção e orientação diária. A estrada que dá horizontes e me permite seguir, a pedreira que sustenta e as águas que me curam. Asè!

Experimentalizar o experimental.

A fala da favela.

O nódulo decisivo nunca deixou de ser o ânimo de  
plasmar uma linguagem convite para uma viagem.

E agora? Quer dizer, e o que que eu sou?

Meu nome é Walli Salomão, um nome árabe, Walli Dias Salomão.

Nasci numa pequena cidade na caatinga baiana, do sertão baiano.

Filho de pai árabe e uma sertaneja baiana.

A memória é uma ilha de edição.

Nasci sob um teto sossegado.

Meu sonho era um pequenino sonho meu.

Na ciência dos cuidados fui treinado.

Agora entre o meu ser e o ser alheio a linha de fronteiras se rompeu.

Câmara de egos.

Eu tenho o pé no chão porque sou de virgem, mas a cabeça gosto que  
"avoe".

Walli Salomão<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Texto autobiográfico do poeta baiano Walli Salomão.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar perspectivas autobiográficas sobre a construção das identidades, por meio de narrativas exclusivas de três jovens oriundos da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, que participam ou integram, as atividades da ONG Casa do Menor São Miguel Arcanjo em Nova Iguaçu/RJ. E promover uma ampla reflexão acerca das influências sociais, econômicas, territoriais, de classe, raça, gênero e sexuais na construção das identidades. Uma contribuição sobre ser, crescer e existir.

**Palavras-chave:** Autobiografias; Construção de Identidades; Juventudes;

## **ABSTRACT**

The present work aims to present autobiographical perspectives on the construction of identities, through exclusive narratives of three young people from the Baixada Fluminense in Rio de Janeiro, who participate or integrate the activities of the NGO Casa do Menor São Miguel Archangel in Nova Iguaçu / RJ. And promote a broad reflection on the social, economic, territorial, class, race, gender and sexual influences in the construction of identities. A contribution about being, growing and existing.

**Key-words:** Autobiographies; Identity Building; Youngs;

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1: PEDAGOGIA PRESENÇA **23**

QUADRO 2: ATIVIDADES PARA A CRIAÇÃO DAS AUTOBIOGRAFIAS **29**

## SUMÁRIO

<b>REFLEXÕES INICIAIS</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1. TRILHAS METODOLÓGICAS</b>	<b>16</b>
1.1. Narrativas e autobiografias	17
1.2. A pedagogia presença e o trabalho da ONG Casa do Menor São Miguel Arcanjo	20
1.3. As personagens	27
1.4. A construção das autobiografias	28
<b>CAPÍTULO 2: TRILHAS CONCEITUAIS</b>	<b>33</b>
2.1. A centralidade da cultura	33
2.2. Educação e processos identitários	37
2.3. Modernidade em vertigem	41
2.4. Juventudes	46
2.5. Baixada Fluminense	51
<b>CAPÍTULO 3: NARRATIVAS EM FLUXO</b>	<b>53</b>
3.1. Uma autonarrativa	56
3.2. Uma autonarrativa sobre Edgar	63
3.3. Uma autonarrativa sobre Mário	67
3.4. Fluxos narrativos e identitários	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>78</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>82</b>

## REFLEXÕES INICIAIS

Sou um homem, uso barba, tenho uma estatura mediana, um corpo relativamente magro, que usa roupas ditas masculinas, negro e gay. Nunca performei uma masculinidade tradicional, daquelas que cospem no chão, briga por poder e disputa quem tem o pau maior. Gosto de plantas, beira de praia, brisa gelada e de escrever textos de amor que não mostro para ninguém.

Não aprendi a soltar pipa e nem jogar bola. Mas era bom com pintura, decoração e organização de festas. Gostava de brincar sozinho e tinha muitos amigos imaginários. Tirava boas notas na escola, mas falava bem pouco, a ponto de quase ninguém saber meu nome. Um daqueles esquisitões que andam pelo pátio da escola falando sozinho.

Acho que minha própria condição de existência me preparou para não ligar tanto para o que as pessoas achavam, pensavam ou falavam de mim. Isso me fez criar muita responsabilidade e ser uma criança madura. Mas juro que tentei ser igual para me adaptar, mas pense numa péssima ideia. Vestia-me igual a eles, falava igual a eles e tentava namorar igual a eles. Achei que isso ia adiantar, porém como era de se esperar, não adiantou, continuava sendo a piada.

Sem saber lidar com nada, cresci. Minha falecida avó Nair, me chamava de pequeno inventor, pois adora criar e construir coisas, meu avô militar aposentado, me ensinava como ser homem, mas sempre detestei essas aulas. Minha mãe observava, de quando em quando, opinava, mas ela mesma estava mais preocupada com os meus estudos. Meu pai quase não estava nesse período, às vezes ele me fazia me sentir muito mal, mas é perdoável, ele sabia pouco sobre tudo, não era muito entendido.

Cristão, católico, macumbeiro, espírita, budista. Nenhum mundo me bastava. Matei Deus e o Diabo. Não queria saber de nada. Tinha por volta de 10 anos, um pequeno garoto gordo, desajeito, afeminado e criativo. Numas das tentativas de aproximação, meu pai me levou ao cinema. Depois disso, a fé tinha voltado para meu espírito. Fui cinema naquele momento. A arte existe, mas o flerte requer um tempo.

Eu tinha dores, marcas, pânico, inseguranças e tudo aquilo que uma criança viada passa nos seus primeiros anos de vida. Ainda bem que o lúdico me salvou. Escolhi ser arte e poesia. Minha avó falava que eu poderia ser o que eu quisesse, mas para isso teria que ter coragem, muita coragem.

Hoje sou muito diferente do que já fui, mas a criança ainda está aqui, ela aprendeu novos truques, já sabe se defender melhor e ama quem se tornou. Mesmo que ainda esteja em contínua construção, sigo sendo errado e errante, mas sempre na estrada. Esse trabalho é meio sobre isso, tudo, uma reflexão sobre ser, crescer e existir.

O nascimento/De uma alma/É coisa demorada/Não é partido ou Jazz/Em que se improvise/Não é casa moldada/Laje que suba fácil/A natureza da gente/Não tem disse me disse. (FACÃO, Marcelo; FARIAS, Lauro; LOBATO, Marcelo; LOBATO, Marcos; XANDÃO, 2003).

O poema acima é um trecho da música “Papo de Surdo e Mudo” do disco “O Silêncio Q Precede o Esporro”, quinto álbum da banda “O Rappa”, lançado em 2003. Servirá como gancho inicial para refletir sobre os modos de construção de identidade nas sociedades modernas. No primeiro trecho, percebo que ao afirmar que: “O nascimento/De uma alma/É coisa demorada”, os compositores estão falando sobre um nascimento social do sujeito, se referindo à construção de uma identidade e não, necessariamente, do nascimento físico/biológico. Sendo assim, seguiremos a partir daqui, uma busca para compreender melhor o que seria esse tal de nascimento social, ou que seria na verdade, essa construção de identidade.

A partir desse contexto, acionaremos o antropólogo jamaicano Stuart Hall (2006) que, ao refletir sobre o que ele chama de “identidade cultural”, afirma:

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até que visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abandonando os quadros referenciais que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p.7).

Desse modo, a partir da reflexão de Hall (2006), penso na perspectiva que, nas sociedades modernas, a construção da identidade do sujeito é um processo longo e mediado por atravessamentos sociais, culturais, econômicos, territoriais, educacionais e de outras ordens. Exigindo, inclusive, de nós, indivíduos, um olhar holístico da nossa existência para que só assim possamos perceber as macros e micros estruturas sociais que nos cercam.

Em outras palavras, a visão holística que busco defender seria uma ideia de olhar a construção da identidade dos sujeitos por um viés que leve em consideração o aspecto

multifacetado da vida humana. Sendo uma perspectiva de pensar, inclusive, a pesquisa acadêmica por uma ótica que incorpore pesquisador, objeto e sua produção acadêmica. Desse modo, interessa mais falar sobre a construção das identidades, do que apresentar considerações assertivas do tema.

Faço um esforço para discorrer sobre perspectivas que mostrem uma visão plural sobre as influências da cultura na construção das identidades. Relacionando diferentes áreas de conhecimentos e saberes, para tecer ideias sobre juventudes e construção de identidades.

Já no trecho: “Não é partido ou Jazz/Em que se improvise/Não é casa moldada/Laje que sua fácil”, nos parece que o texto indica uma dimensão relacionada ao tempo da construção da identidade.

Considerando essa ótica, notei que a frase convida a pensar a existência a partir de uma perspectiva histórica. Ou seja, olhar para o passado, para entender sua realidade presente. Criar um movimento de memória, onde se revive as situações vividas no passado com um olhar crítico capaz de perceberem quais seriam as escolhas feitas, as experiências, vivências e aprendizados que contribuiriam para construir o atual indivíduo.

A dimensão do tempo permite uma ancoragem inicial de perceber que nossa história não está pronta, ela se constrói e se desenvolve a partir de vivências diárias, encontros e aprendizados. Certo que os espectros relacionados a gênero, sexualidade, classe, raça, território entre outros, têm forte influência em nossas escolhas, porém buscamos observar as micro-dinâmicas de construção de identidade em relação às dimensões maiores de nossa existência individual.

A psicanalista Ivanise Fontes (2017), afirma que temos bem definidos a data do nosso nascimento biológico, sendo o momento do nosso parto, mais ou menos os segundos entre nosso primeiro silêncio ser interrompido por nosso primeiro grito de choro. Contudo, a especialista também afirma que não é possível saber precisamente, quando foi ou é, o nosso nascimento psíquico e afirma que, “é um lento desabrochar e ocorre nos primórdio da vida” (FONTES, 2017, p. 25).

A experiência de sentir o contorno do corpo, de ter um “recipiente” que contém, necessitam da disponibilidade de quem cuida para manter-se em contato. Mas o que acontece se o olhar é deprimido, se a voz é monocórdica, se os braços que seguram são flácidos, sem tônus, se o bico do peito escapa mais do que penetra? O bebê vive um horror. É violentamente lançado no espaço vazio, na não existência, no “nada”

(“cair no nada”), que, segundo G. Safra, é pior que morrer. Segundo ele: “Morrer é mais fácil do que deixar de existir”. (FONTES, 2017, p. 52).

Como bem elucida Fontes (2017), para que um indivíduo desenvolva suas capacidades de sociabilidade é preciso que ritos e processos culturais, sociais, físicos e biológicos sejam a ele proporcionados. Sem levantar juízo de valor, o que interpreto e ressalto é que estamos refém de um processo de aprendizado contínuo, que depende indissociavelmente, de espelhamentos, exemplos, possibilidades e experiências.

A parte final do trecho selecionado diz: “A natureza da gente/Não tem disse me disse”, entendo que os autores do texto deixam pistas para percebermos que nessa trajetória não estamos livres dos julgamentos externos, de sermos rotulados, independentemente de nossas escolhas, modos de vida ou aparências.

Talvez o jogo de palavras entre “natureza” e “gente” refere-se a uma natureza social, onde um sistema-mundo nos cobra uma postura, um modo de viver, onde bebês recém nascidos, independentemente do sexo biológico, estão predestinados a papéis específicos com cores específicas e expectativas também.

Boneca é coisa de menina. Carrinho de menino. Rosa para ela e azul para ele. Uma cozinha linda de plástico com microondas, geladeira, fogão e panelinhas. Uma pista de corrida, uma arma de água e roupa de super-herói. Todos esses elementos que aparentemente são objetos comuns na vida das crianças, são na verdade símbolos que reforçam estereótipos de masculinidade e feminilidade.

O ato de educar uma pessoa é sem dúvida um processo complexo. Mesmo que a família da criança queira subverter todo o padrão hegemônico de feminilidade ou masculinidade. Ninguém escapa à mídia, às tradições culturais, às relações de poder, classe, sexo e gênero. Um negro que milita a favor da igualdade racial, não sofre menos racismo que um negro conformado.

Assim sendo, chamo atenção para a potência da narrativa exclusiva do sujeito, pois já é sabido que nesse sistema-mundo que nos encontramos, ninguém escapará às hierarquias classe, gênero, raça, sexo e geográficas. Proponho que absorvemos essas dimensões como forma de empoderamento pessoal. Entendo que essas dimensões são fatores que fogem completamente ao nosso controle e, portanto assumir nossos fragmentos identitários, inclusive

aqueles que nos causam distanciamento dos padrões hegemônicos, seria um ato político capaz de gerar mudanças estruturais nas sociedades.

Ademais, propondo um acordo com o leitor do meu trabalho, indicando minha escolha como pesquisador em ser parte do objeto de pesquisa. Ressalto ainda, o posicionamento de estabelecer um estilo de escrita pessoal, podendo, inclusive, optar por escrever em primeira pessoa. E que o texto não seja encarado como falta de rigor. E sim, pela opção da subjetividade, sensibilidade e flexibilidade, indicadas pelos estudos etnográficos (MACEDO, 2000).

No primeiro capítulo, intitulado “Trilhas Metodológicas”, faço um esforço para descrever o processo da pesquisa de campo. Início o capítulo explorando o tema das narrativas e autobiografias. Apresento e reflito sobre o trabalho da ONG Casa do Menor São Miguel Arcanjo em Nova Iguaçu na Baixada Fluminense, lugar onde aconteceram os encontros, a apresentação das personagens e a descrição dos processos e etapas da pesquisa.

No capítulo dois, “Trilhas Conceituais”, fiz um esforço de relacionar conceitos e perspectivas científicas acerca dos estudos culturais, educação, sociedades modernas, juventudes e a Baixada Fluminense. Com o intuito de elucidar de forma ampliada dimensão que afetam, interferem e manipulam os processos de construção de identidades e de juventudes.

No capítulo três, “Narrativas em Fluxo”, apresento a minha autobiografia e as duas biografias que foram produzidas na pesquisa de campo, a do Edgar e do Mário<sup>2</sup>. Também realizo uma análise das narrativas, de modo que reflito a partidas dos escritos sobre território, relações familiares, religiosidade, educação, violência e troca de experiências.

---

<sup>2</sup> Como medida ética de proteção da identidade dos sujeitos da pesquisa, estes são nomes fictícios.

## **CAPÍTULO 1. TRILHAS METODOLÓGICAS**

Em meados de 2014, quando ainda cursava o Bacharelado em Cultura, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, dei os primeiros passos na minha jornada de pesquisa acadêmica. E essa curta trajetória ensinou-me a importância de uma escuta atenta e sensível quando estamos na condição de pesquisador no âmbito das ciências sociais e humanas, devido à complexidade que são as relações de poder estabelecidas nessas condições.

Em minha experiência como pesquisador, em sua grande maioria, os objetos de interesse e observação são outros: sujeitos, culturas, relações vivas e contemporâneas. E mesmo com algumas vivências em desenvolver pesquisas de campo e etnográficas, ainda não me sinto totalmente confortável em estabelecer recortes e métodos com precisão.

Na Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação do Instituto Federal do Rio de Janeiro (LACE/IFRJ), aprofundi meus conhecimentos no âmbito dos Estudos Culturais e métodos de pesquisa. Consideravelmente, atualmente me sinto mais preparado para estabelecer uma pesquisa acadêmica.

E mesmo com um projeto de pesquisa elaborado com orientação de professores nas aulas da pós-graduação e aprovado em uma banca de qualificação, fui ao campo sem muita clareza de como a pesquisa campo iria se materializar na prática, pois tinha definido como objeto de observação pessoas que se encontravam na ONG Casa do Menor São Miguel Arcanjo (CMSMA), em Miguel Couto/Nova Iguaçu.

Assim, no presente capítulo é exposto o processo metodológico da pesquisa de campo. Assim esforço-me, no intuito de descrever as etapas e as atividades que foram propostas com o objetivo de construir as autobiografias dos participantes. Exploro o tema das narrativas e autobiografias como metodologia de levantamento de dados. Apresento e reflito sobre o trabalho da ONG Casa do Menor São Miguel Arcanjo em Nova Iguaçu na Baixada Fluminense, lugar onde aconteceram os encontros. E apresento as personagens e exponho a trajetória delas no decorrer da pesquisa.

## 1.1.Narrativas e autobiografias

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõem à nossa consciência e delas extraímos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e /ou com nosso ambiente humano e natural (JOSSO, 2004, p. 50)

A metodologia da construção de autobiografias e narrativas foi o mecanismo que escolhi para tencionar uma ampla reflexão sobre construção de identidades e juventudes. Optei pelo diálogo, pois a complexidade de pesquisar esses temas se justifica pelo fato que são dimensões vivas, dinâmicas e mutáveis.

De acordo com Souza (2006, p.17)

Os caminhos trilhados desde o início do século XX e os embates travados em diferentes campos do conhecimento têm permitido melhor compreender e reafirmar a abordagem biográfica e a utilização da narrativa (auto) biográfica como opção metodológica para a compreensão de novas visões de mundo, visto que a mesma possibilita inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e, por outro lado, possibilita, a partir das narrativas (auto) biográficas, entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação e autoformação.

As pesquisadoras Peres e Trindade (2009) afirmam que, desde o início dos anos 90, os principais estudos e experiências com autobiografias e narrativas no Brasil, como forma metodológica de pesquisa têm sido ancorados nos seguintes Grupos de pesquisa: GEDOMGE/FEUSP (Grupo de Estudo sobre Docência, Memória e Gênero – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), GEPEIS/UFSM (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Imaginário Social – Universidade Federal de Santa Maria) e GRAFHO (Grupo de Pesquisa Autobiografia Formação História Oral).

Tais grupos desenvolvem temáticas sobre história de vida, docência, gênero, subjetividade e imaginário na perspectiva de contribuir com a formação de professores. Nesse sentido, cada vez mais, tais abordagens ganham corpo e expressão nos estudos sobre formação de professores, a partir da tematização dos percursos de formação com enfoque na história de vida, nas autobiografias e nas narrativas de formação (PERES; TRINDADE, 2009, p. 1501).

Minha primeira experiência com a metodologia de narrativas e autobiografias foi ainda na graduação no componente obrigatório chamado “Biografias, Autobiografias e Narrativas”, onde desenvolvi ao longo do componente minha primeira autobiografia.

Depois da experiência no componente curricular, procurei o professor Cláudio Orlando Costa do Nascimento, que foi quem ministrou o curso para trocar mais ideias acerca dessa metodologia. Com isso fui convidado a participar da pesquisa “CULTURA DO APRENDIZADO: Biografia, auto-formação, produção literária, pensamentos acadêmico, holístico e esotérico de Pedro Antônio da Costa (Loester)”. Foi nele que continuei a ouvir, pensar e me interessar por histórias de vida como gatilhos de pesquisa no âmbito das ciências humanas.

A Pesquisa “Cultura do Aprendizado” toma como referência aspectos históricos, culturais, educacionais, decorrentes de registros biográficos, da produção literária, dos pensamentos acadêmico, holístico e esotérico de Pedro Antônio da Costa, professor, pesquisador da Escola Agrícola da Bahia (1922), negro, escritor com pseudônimo de ‘Loester’. O título ‘Cultura do Aprendizado’ remete-nos à denominação do componente correspondente à 6ª Cadeira da referida Escola, sob responsabilidade do mesmo. Costa tem pesquisas e produções acadêmicas sobre o pensamento holístico, além de ter criado e trabalhado em uma escola de educação para crianças, em Muritiba-BA. Recorrendo aos estudos fenomenológicos, multirreferenciais, inter-transculturais, implicados com as tendências descolonizadoras, pós-críticas nas áreas da educação e da cultura.<sup>3</sup>

Na pouca experiência com o método, percebi que, nas ciências sociais, as pesquisas com as narrativas autobiográficas têm tido significativa aplicação, especialmente nos estudos no âmbito da Educação. A obra “A miséria do mundo”, de Pierre Bourdieu (1997), permite apreender, a partir de casos particulares por meio de biografias, que se no passado escolar os indivíduos mais vulneráveis socialmente e culturalmente viveram e acumularam frustrações por conta do seu rendimento escolar, esses mesmos podem a vir posteriormente na fase adulta da vida estarem em situações de exclusão. A compreensão de como se dá a implicação da escola com os mecanismos mais gerais de exclusão e inclusão social pode permitir a elaboração de reflexões sobre construção de identidade a partir do acesso e desenvolvimento do processo de formação escolar/acadêmico.

---

<sup>3</sup> Resumo da descrição das atividades do Grupo de pesquisa CULTURA DO APRENDIZADO: Biografia, auto-formação, produção literária, pensamentos acadêmico, holístico e esotérico de Pedro Antônio da Costa (Loester). Disponível em <<https://ufrb.edu.br/cecult/pesquisa/projetos-de-pesquisa-cont>>. Acesso em 21/09/2019.

A dimensão da formação institucional apareceu fortemente nos debates dos encontros de pesquisa, de modo que, todos os participantes concordaram que a formação escolar-acadêmica é o principal mecanismo de mobilidade social, atribuindo juízo de valor positivo principalmente a formação universitária. Essa compreensão se dá pelo fato de que chegamos a um pensamento comum de que ser alguém na vida perpassa por ter uma profissão/ofício. Mesmo que a universidade não seja a única agência legitimadora profissional, entendemos enquanto grupo que é a principal.

Desse modo, me parece que o processo de desenvolver autoestima é uma ação de criar uma narrativa exclusiva sobre si que gere empatia, admiração e respeito. Assim sendo, o peso de ter um título acadêmico se configura como um facilitador de empoderamento. De modo que o sujeito pode criar uma imagem a partir do dispositivo de formação e atuação profissional.

Ademais, ressalto o quanto a construção e socialização das narrativas (auto)biográficas podem influenciar positivamente no processo de formação continuada da juventude, pois o exercício de sistematizar e descrever a trajetória de vida, permite um desenvolver domínio de entendimentos sobre si que facilita mapear nuances de nossas identidades que só são possíveis de se perceber após um profundo estado de observação de nossas experiências.

Trilhei o caminho do diálogo e propus trabalhar autobiografias como método de entender os fluxos de entendimento de mundo, as estruturas sociais, lugares de fala, sociabilidades, capacidades de se ver e falar sobre sua própria história de vida, a partir da vivência de 5 jovens moradores da Baixada Fluminense, que têm suas histórias entrelaçadas pelo território onde moram, mas especialmente, nas atividades da ONG Casa do Menor São Miguel Arcanjo em Nova Iguaçu no região metropolitana do Rio de Janeiro.

## 1.2. A pedagogia presença e o trabalho da ONG Casa do Menor São Miguel Arcanjo

A Casa do Menor São Miguel Arcanjo é uma instituição que, há 34 anos, atua nos estados do Rio de Janeiro, Ceará e Alagoas, trabalhando pela defesa de direitos de crianças, adolescentes e jovens que se encontram em situação de grande vulnerabilidade social. Para elucidar melhor o conceito de vulnerabilidade social, Musical e Marcolino-Gali (2019) afirmam:

A vulnerabilidade social está associada às informações que se acolhe do meio social e, como acessamos os serviços públicos para assegurar os direitos sociais, tais como, educação, trabalho, saúde, moradia, participação, dentre outros, rompendo com normas violentas e buscando qualidade de vida e bem-estar social. A partir disso, é pertinente destacar o contexto histórico-social-cultural, considerando suas subjetividades e percepções que cada sujeito constrói sobre direitos. [...] para além das condições socioeconômicas, as vulnerabilidades devem ser entendidas como um somatório de situações de precariedade entre as quais se incluem a composição demográfica da família, os agravos à saúde, a gravidez precoce, a exposição à morte violenta e as próprias condições de vida (MUSICAL; MARCOLINO-GALI, 2019, p. 295).

As regiões que a instituição está diretamente inserida são territórios com grandes precariedades no oferecimento de políticas públicas, como saneamento básico, água encanada, segurança, educação, mobilidade, emprego, entre outros. Desse modo, a instituição atua com o objetivo de minimizar os efeitos que a falta desses serviços causam nessas regiões e seus moradores, como os altos índices de violência, desemprego, fome.

A instituição foi fundada por um padre italiano, Renato Chiera, que reside no Brasil a mais de 40 anos, desde sua chegada no país se sensibilizou com a questão das crianças de rua. Em seu livro “Presença”, de 2018, explica a motivação para ter fundado a Casa do Menor no bairro de Miguel Couto onde reside até os dias atuais. Relata que por volta do início da década de 1980, período esse que chegou ao Brasil e foi morar em Nova Iguaçu na Baixada Fluminense, existia uma milícia conhecida como Esquadrão da Morte.

Um grupo de assassinos que eram financiados pelo comércio local, para inibir os assaltos que existiam pela cidade. De modo que, esses criminosos perseguiram e matavam os meninos e meninas que moravam na rua. E a história da Casa do Menor começa com a chegada de um menino conhecido como Pirata, antes de sua morte.

Em certa noite, Pirata pulou o muro da casa do Padre Renato no Bairro da Santa Rita em Nova Iguaçu. E se escondeu debaixo de um fusca azul, carro esse, que usava em seu dia-a-dia. Conta que na manhã seguinte se assustou com o menino. Contudo o acolheu e quis saber a história dele. Pirata lhe contou que era o primeiro nome na lista do Esquadrão da Morte e pediu ajuda e proteção. Clamou “Eles estão nos matando e vocês não fazem nada!”. Essa foi a frase que motivou o padre Renato a iniciar a sua jornada de militância em defesa dos direitos de crianças e adolescentes em situação de rua e fundar a Casa do Menor.

A notícia que tinha um padre que protegia crianças de rua foi se espalhando pela cidade e em pouco tempo foram surgindo outros meninos e meninas de rua que se escondiam na casa do páraço, fugindo do Esquadrão da Morte.

Pela manhã as crianças saíam para rua e as noites voltavam para dormir na garagem do padre, que precisou arrumar colchões e outros voluntários para ajudar a cuidar dos pequenos. A primeira que se sensibilizou com a causa é a atual presidente da instituição, Lúcia Inês Cardoso, mais conhecida como Tia Lucinha. É uma das co-fundadoras da instituição, mulher e deficiente visual, tinha apenas 22 anos de idade quando abandonou a graduação em Direito e se lançou nessa jornada.

Pouco tempo depois do início desse movimento o Pirata foi assassinado. Já era madrugada quando Padre e Lucinha souberam que o menino tinha sido pego pelo Esquadrão da Morte. O Padre Renato, afirma em seu discurso que esse foi o principal evento que o fez se institucionalizar, para poder desenvolver um trabalho mais conciso na garantia de direitos de crianças e adolescente na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro.

Com isso, há 34 anos, a Casa do Menor é inaugurada no bairro de Miguel Couto em Nova Iguaçu. O nome da instituição também veio das crianças acolhidas, o padre conta que antes de definir, reuniu os meninos e meninas e perguntou como que eles queriam que a casa deles chamasse. E relata que um dos meninos propôs: “Casa do Menor”. Justificando que ali só tinha “menor”.

A instituição nasce com o objetivo de acolher crianças e adolescentes moradores de rua e atualmente é reconhecida nacionalmente e internacionalmente por seu trabalho junto ao acolhimento dessa população. A experiência de acolhimento institucional de crianças e adolescentes foi sistematizada pelo Padre Renato em uma metodologia chamada de Pedagogia

Presença (2008) que permeia todas as atividades, projetos e programas da instituição. Isto resultou em um livro intitulado *Pedagogia Presença*.

Por pedagogia entendemos o caminho e o método empregado para fazer brotarem os valores escondidos, e muitas vezes enterrados e lesados, mas nunca destruídos, do ser humano em formação. Educação é fazer vir para fora, extrair aquilo que está dentro do ser humano, as suas potencialidades, na sua totalidade psíco-físico-espiritual. [...] Na *Pedagogia Presença* entendemos que o caminho para extrair as potencialidades de nossos meninos<sup>4</sup>, os valores, o tesouro que eles possuem [...] requer uma coisa simples: a presença de alguém que ame. Essa presença-amor é como adubo que fertiliza o solo, no qual os valores brotam e se desenvolvem espontaneamente. [...] Entendemos com clareza que o ser humano é feito de amor, que ele se desenvolve e “funciona” somente se for cercado pelo amor e aprender a amar (CHIERA, 2008, p. 83).

A experiência da instituição trabalhando com crianças de rua, dependentes químicos e marginalizados resultou em uma perspectiva de trabalho metodológico para lidar com os excluídos da sociedade.

Os meninos de rua, “nossos filhos”, precisavam de presença de família, e de uma grande família. Era necessário ser família junto. As crianças abandonadas e mal-amadas são frutos de um aborto comunitário e precisam agora de um parto comunitário (família, escola, igrejas, empresas, poderes públicos...). Elas precisam de solo fecundo onde, como crianças-sementes, recebam “calor e água”, para se desenvolverem com harmonia e fazerem brotar todas as suas potencialidades. [...] Para educar uma criança, não é suficiente um educador; é preciso uma aldeia-comunidade (CHIERA, 2008, p. 87).

As bases da *Pedagogia-Presença*, “fundamenta-se numa visão antropológica do sensível”, e entende que “todo ser humano, para se desenvolver, precisa realizar algumas experiências fundamentais”. Dividas em 4 etapas, sendo a primeira “Ser amado - A experiência de ser filho”, segunda “Descobrir-se e amar-se, ser valor”, terceira “Relacionar-se com os outros e amar - ser irmão” e a quarta “Relacionar-se e amar gratuitamente - ser pai e mãe” (CHIERA, 2008, p.89). A seguir aprofundaremos mais cada etapa.

Segundo Chiera (2008), esses são os elementos básicos, que dão suporte ao “processo de revivificação” de crianças e adolescentes que sofrem com as desigualdades sociais no

---

<sup>4</sup> Entende-se aqui meninos, todos os atendidos pela instituição sendo do gênero masculino, feminino ou outras condições de gênero. Esse termo foi apropriado por toda comunidade que faz parte da Casa do Menor. Pois no início dos trabalhos da ONG, o público era exclusivamente masculino e moradores de rua.

Brasil. Afirma que é preciso ajudar as crianças, adolescentes e jovens a passarem por essas etapas para que haja um desenvolvimento pessoal saudável. O quadro a seguir apresenta melhor as 4 etapas (CHIERA, 2008, p. 92-93):

Quadro 1: Pedagogia Presença

<b>Pedagogia Presença</b>		
<b>Etapas</b>	<b>Nome</b>	<b>Reflexão</b>
1	Ser amado, ser filho	A primeira experiência do ser humano ao nascer é ter uma mãe e um pai que o acolhe, que o ame, que o “puxa” para viver e para ser. O pai e a mãe dão segurança, tornam-se referenciais, pontos essenciais para um desenvolvimento sadio e harmônico. Se essa experiência de ser filho amado não acontece, o desenvolvimento humano fica extremamente comprometido, o que é desastroso para qualquer pessoa. Um desenvolvimento não sadio, provoca traumas, carências, instabilidades, insegurança, incapacidade de escolha, incapacidade de compromisso estável, de gratuidade e de relacionamento com o outro.
2	Descobrir-se e amar-se com valor	O ser humano vai se descobrindo aos poucos e se reconhecendo com valor, ou não, conforme suas capacidades de desenvolvimento. Ele é capaz de reconhecer em suas várias dimensões, em seus vários valores, como sua corporeidade, afetividade, racionalidade, vontades, transcendências e sentimentos. Se crescer num ambiente de amor, automaticamente, irá gostar de si mesmo. Se amar e se perceber como dádiva. “Se eu sou amador, é porque sou bom, bonito e tenho valor”.
3	Relacionar-se com os outros e aprender a amar, ser irmão	A criança ou adolescente normalmente tem irmãos e outras pessoas ao seu redor. Aos poucos, aprende a relacionar-se com eles. Quando o ser humano cresce num ambiente amoroso, isso geralmente acontece de forma tranquila e sem choques. Ele se percebe como dádiva e reconhece o outro como dádiva. Desenvolver sua personalidade e realiza-se como ser humano à medida que se relaciona com mais pessoas e ama gratuitamente. Realiza-se na construção de uma relação de amor fraternal com seus semelhantes. Quando isso não acontece, ele desenvolve comportamentos de agressividade e de destruição do outro, visto como ameaça, e não como presença que completa e enriquece.

4	Relacionar-se e amar gratuitamente e	Fecundidade da vida, ser pai e mãe: O ser humano chega à maturidade quando se torna capaz de amar gratuitamente, de gerar vida em outros, de doar-se e relacionar-se sem esperar nada em troca. O ser humano realiza-se quando se doa. Desse modo o sujeito realiza plenamente sua vocação existencial quando vivencia o fato de ser amado (Eu sou amado), de se amar (Eu me amo), de amar o próximo (Eu amo), de doar-se e gerar vida gratuitamente, no sentido mais amplo.
---	--------------------------------------	--

Fonte: Elaboração do autor.

Vale ressaltar que a instituição surge para desenvolver o trabalho de acolhimento institucional direcionado a crianças e adolescentes moradores de rua. Portanto essas etapas fazem referência direta à metodologia de ação no cuidado dos acolhidos. Contudo, a Casa do Menor, ainda conta com um programa de desenvolvimento comunitário que oferece cursos profissionalizantes, oficinas artísticas, esportivas e culturais.

A organização é referência no trabalho de acolhimento institucional de crianças e adolescentes deficientes, reconhecida pela Fundação da Infância e Adolescência (FIA), como instituição Amiga da Criança. E recentemente inauguraram uma comunidade terapêutica, para tratar adultos dependentes químicos, principalmente, aqueles usuários de crack.

As etapas descritas acima são diretrizes mais amplas para que os acolhidos experimentem essa dimensão do amor, amar e ser amado, pela ação do cuidado, atenção e respeito, de modo que, quando um acolhido chega à instituição, ainda assustado e na maioria das vezes agressivo e desconfiado. A equipe técnica, assistentes sociais, psicólogos, pedagogos e educadores, é orientados a acolher e criar uma relação de afeto. Para que assim a criança possa se sentir confortável para sua estadia.

Todo o processo de estadia dos acolhidos é permeado por uma ação de estímulo à autodescoberta. Com atendimentos individuais e em grupo com a equipe técnica. Encaminhamento para terminar os estudos e ou fazer cursos profissionalizantes. A exercitar o fazer artístico, cultural e esportivo nas oficinas. E a elaborarem seu plano de vida pós-instituição.

Os acolhidos são estimulados a uma vida comunitária de ajuda e cooperação. Sendo estimulados a tratar seus companheiros de abrigo como irmãos. E por fim os que minimamente conseguem desenvolverem-se a ponto de cuidar das suas irmãs e irmãos são convidados a ser monitor ou ajudante do educador, como uma forma de recompensa. Para

experimentar o desafio de cuidar. Existem inúmeros casos de crianças acolhidas que hoje trabalham como funcionário na instituição.

Meu primeiro contato com a instituição foi em 2008, eu tinha apenas 17 anos. Comecei a frequentar como atendido das atividades, participei de aulas de sonorização de eventos e logo em seguida, comecei a fazer parte de um programa na web-rádio da instituição. O programa chamava-se “Os Sem Noção”, dividia-o com outros dois amigos Débora e Leandro, era diário, de segunda a sexta-feira, ia ao ar no final da tarde, acredito que por volta das 17 horas, tinha uma hora de duração e a gente comentava os assuntos e notícias do dia da visão de um jovem negro da periferia.

Pouco tempo depois, fui contratado como educador social no Centro Cultural Dom Adriano Hipólito, que também fica em Miguel Couto e é uma extensão da sede da Casa do Menor. É lá onde acontece a maioria das atividades de arte, cultura e lazer, e na época, em 2011, a instituição aprovou, junto ao Governo Federal, o programa ProJovem<sup>5</sup> e ministrava algumas aulas e atividades com a temática de ética e cidadania.

Atuei, também, na administração e em 2014 saí para estudar na Bahia. Formei-me em setembro de 2017, voltei a morar no Rio de Janeiro e em dezembro do mesmo ano já estava de voltar, já formado e como coordenador do Centro de Educação Profissionalizante. Em março de 2018, me remanejaram de setor e vou trabalhar no departamento de projetos como analista de projetos sociais, desempenho esse papel até janeiro de 2019, quando passo a ser prestador de serviço e não mais funcionário, ainda atuando no departamento de projetos, mas agora como consultor de planejamento estratégico para projetos e programas.

O contato com essa metodologia no dia-a-dia me encorajou e abriu possibilidades de perspectivas de vida. Percebo, também, que a instituição peca na condução da autonomia do sujeito, pois exerce uma posição muito assistencialista, de modo que, tenta ser suporte em todos os processos de seus atendidos e muitas vezes não os responsabilizam por seus atos, estabelecendo uma relação de dependência, onde o processo de desligamento das atividades ou da própria instituição se torna traumático.

---

<sup>5</sup> O Projovem é o Programa Nacional de Inclusão de Jovens que se destina a ajudar na formação educacional, ajudando a elevar a escolaridade e promover a formação e a qualificação profissional de muitos jovens no país. O foco é em pessoas que ainda não possuem o ensino fundamental completo, mas que sabem ler e escrever. Acessado em: < <https://www.fnide.gov.br/programas/programas-suplementares/ps-educacao-jovens-e-adultos/ps-projovem-urbano>> em 28/11/2019.

Uma espécie de dependência mútua. Acredito que uma relação de apego, em que o atendido/colaborador desenvolve pela instituição e por outro lado é alimentado pela mesma. Isso que penso é um conhecimento empírico, vindo da minha vivência nada que possa provar, contudo que muita das vezes me senti mal em situações de abuso que experimentei ali dentro, mesmo muito magoado, segui desenvolvendo meu trabalho, as vezes mais motivado do que quando entrei. Um tipo de relação familiar com o trabalho e os dirigentes, que embora sejam meus “chefes”, são pessoas que me afiliei por conta de outros dispositivos, principalmente afeto, admiração e respeito.

O ecossistema da Casa do Menor São Miguel Arcanjo, me ajudou a flexibilizar o meu julgamento moral da aparência em relação a certo e errado. A questionar a falácia do julgamento do “homem de bem”, que grita aos quatros ventos que “bandido bom é bandido morto”. Foi nesse ambiente que desenvolvi minha sensibilidade para pautas de políticas pública, raciais, sexuais e de classe.

A escolha de eleger um grupo de pessoas mediadas por esse ambiente expandido de educação e sociabilidade não foi ingênua e nem aleatória. Foi pela hipótese de que pessoas que tiveram a oportunidade de experimentar ambientes de formação, comprometidos com a integridade do ser humano, seriam jovens mais conscientes de si, do seu território e condição de gênero, sexual e de classe.

### **1.3. As personagens**

Trabalhar na instituição deu-me facilidade em fazer contatos iniciais com as pessoas escolhidas. Defini que iria escolher cinco pessoas para compor o grupo de desenvolvimento da pesquisa. Sendo que duas pessoas são funcionárias e as outras três são atendidas nas atividades da instituição.

A definição das personagens não teve critérios de escolhas bem estabelecidos, pois não elegi nenhum tipo de padrão para escolhê-los. A definição seguiu mais em função da disponibilidade e interesse em participar da pesquisa, do que critérios técnicos ou afetivos.

Primeiro escolhi quem seriam os personagens que trabalham na instituição. Sendo que um desenvolve o papel de coordenador e o outro de instrutor de curso profissionalizante. E pedi indicações de atendidos que topariam participar da pesquisa. O instrutor de curso profissionalizante indicou duas alunas e um aluno.

Ressalto que, como medida de preservar os nomes verdadeiros das personagens, primeiro para manter o sigilo e integridade das pessoas, e também, pela premissa que estamos mais interessadas em como as personagens se relacionam com sua história de vida e seus gatilhos de entendimento de mundo.

Edgar tem 30 anos, homem negro, heterossexual, solteiro, trabalha na casa do menor há 12 anos interruptos, iniciou o seu contato mais direto com a organização como jovem aprendiz e hoje desempenha a função de coordenador de projetos. Mário tem 27 anos, homem negro, heterossexual, noivo, teve seu primeiro contato com a Casa do Menor em 2010 quando também foi jovem aprendiz, atualmente atua como Instrutor de curso profissionalizante. Ambos os personagens tem curso superior e moram em Nova Iguaçu.

Mariela tem 25 anos, mulher negra, lésbica, faz dois anos que participa das atividades da instituição e hoje é aluna de curso profissionalizante. Evanise tem 19 anos, mulher negra lésbica, começou a frequentar a oficina de dança no Centro Cultural da Casa do Menor, desde que tinha 17 anos, hoje é aluna de curso profissionalizante. Luiz tem 22 anos, homem preto, heterossexual, participa das atividades há três anos e hoje é jovem aprendiz de uma empresa parceira. Todos esses personagens possuem o ensino médio completo e moram na cidade de Nova Iguaçu, em bairros próximos à instituição.

#### **1.4. A construção das autobiografias**

Depois da definição das personagens, me debrucei em desenvolver um conjunto de atividades para que os participantes da pesquisas desenvolvessem suas autobiografias. E a partir delas, e em grupo, discutir e refletir pontos de convergências das histórias que eles sintetizaram.

O principal canal de comunicação, fora os encontros presenciais, foi um aplicativo de mensagens instantâneas, o *whatsapp*. Desse modo, o grupo dialogava e trocava ideias por mensagem com o intuito de agilizar as comunicações pontuais, avisos, dúvidas rápidas e também a combinação dos dias e horários de encontros.

Os encontros aconteceram em salas de aula do Centro de Educação Profissionalizante da ONG Casa do Menor São Miguel Arcanjo. Foi uma escolha estratégica, pois o local é ponto de encontro de todos os participantes da pesquisa, por que alguns trabalham e outros participam das atividades da instituição.

Para a construção das autobiografias, foram planejados 4 encontros com duração média de 2 horas por encontro. Contudo, tivemos um total de 6 encontros, 12 horas de trabalho em grupo. Divididos em 1 encontro de apresentação, 1 encontro para a primeira atividade, 1 para segunda, 1 para terceira e 2 encontros para quarta atividade com 2 horas de duração cada. Foram conversas e trocas sobre as autobiografias, as histórias de vida, que foram compartilhadas, as experiências vivenciadas e assuntos transversais como a micro e macro-política, território, sexualidade, gênero, classe, raça, modos de viver, privilégios e sociedade. Em todos os encontros foram feitas anotações, registro de áudio, vídeo e fotografias, para servir como material de consulta.

Para direcionar a escrita autobiográfica elaborei 4 atividades, que seguem em anexo e melhor explicadas no quadro a seguir, para serem propostas e discutidas nos encontros com o objetivo de ir construindo as autobiografias processualmente, em que a escrita final seria o registro do histórico discutido anteriormente e mais outras experiências pertinentes que possivelmente os participantes da pesquisa quisessem, também, compartilhar.

A primeira atividade foi a “Árvore Genealógica”, a segunda “Linha do Tempo”, terceira “Painel do Futuro” e a quarta “Diretrizes para Escrita Autobiográficas”. Abaixo o quadro ilustra melhor as ações e intenções das atividades citadas.

**Quadro 2: Atividades para criação de autobiografias**

<b>Número</b>	<b>Nome</b>	<b>Ação</b>	<b>Objetivo</b>
1	Árvore Genealógica	Construir a árvore genealógica com todos os membros familiares próximos e suas reações	Proporcionar que os participantes da pesquisa percebam suas principais relações familiares.
2	Linha do Tempo	Construir uma linha do tempo onde elejam 10 eventos antes do primeiro contato com a ONG Casa do Menor e 10 eventos depois.	Estimular um exercício de memória social, onde ao eleger e comentar os eventos, os participantes da pesquisa relacionem os acontecidos com outros marcos temporais relacionado ao período da memória. Assim proporcionando que desenvolva um pensamento sistemático e maior domínio de suas histórias de vida, experiências e vivências. Com objetivo de desenvolver melhor a compreensão de seu processo de aprendizado-amadurecimento.
3	Painel do Futuro	Construir um painel imagético que ilustre suas ambições, desejos e sonhos para o futuro.	Proporcionar aos participantes do projeto uma postura de visualização e planejamento de uma história de vida. A escolha imagética, por meio de figuras retiradas de jornais, revistas e internet, tem o intuito de explorar capacidades criativas de escrita. Priorizando uma construção ligada ao lúdico, ao imaginário, e pouco preocupada com o prazo desse futuro. Configurando-se mais como um exercício imaginativo do futuro, sem estimular uma busca pela felicidade material ou pontual. Seria muito mais um registro de desejos e aspirações momentâneas.
4	Diretrizes para Escritas Autobiográficas	Construir uma autobiografia a partir de provocações e organização de escrita.	Proporcionar aos participantes do projeto uma metodologia para construírem narrativas exclusivas a partir de suas próprias experiências e vivências.

Fonte: Elaboração do autor.

Ademais, vale informar que, por mais que as atividades estivessem estruturadas e definidas, os encontros foram orgânicos e o rigor exigido na construção das narrativas foi diluído em longas conversas, risadas, em um clima amistoso de muita troca. Foi estabelecido

um ambiente seguro onde os participantes se sentiram à vontade ao se abrir para o restante do grupo. Relatos posteriores, sejam por mensagens ou pessoalmente, indicaram que todos se sentiram bem no exercício de exposição de sua história de vida. Como por exemplo, o email do Mário, recebido no dia 27 de agosto de 2019, às 22:21h:

“Querido, Rômulo. Que bacana ter participado, você é um sacana, hoje estava pensando muito sobre minha vida, foi difícil, mas necessário. Obrigado pelo convite! Em anexo segue minha versão final da autobiografia. Abraços.”

No primeiro encontro foi um momento de apresentações gerais e um longo papo sobre o que era pesquisa acadêmica, como seria a dinâmica dos encontros, quais eram os interesses e direcionamentos. Iniciamos uma profunda discussão sobre sociedade e modos de existir, onde cada participante explanou um pouco sobre suas angústias e dilemas atuais. Na oportunidade também repassamos uma agenda de trabalho. Por fim, foi proposto o primeiro exercício, a construção da “Árvore Genealógica” com as relações familiares mais próximas.

No segundo encontro, aprofundamos mais o diálogo sobre sociedade e levantamos outras dimensões como sexualidade, gênero e formas de racismo e misoginia ligadas a nossas histórias de vida. Tratamos também de apresentar nossas “Árvores Genealógicas” e comentar nossa relação familiar.

Nesse mesmo dia, Luiz nos informou que não poderia mais participar da pesquisa, pois tinha conseguido uma vaga de Jovem Aprendiz<sup>6</sup>, sendo seu primeiro contato com o mundo do trabalho, e não teria mais tempo livre.

Optei por continuar a pesquisa sem o participante, pois interessei-me, também nesses contratemplos. Percebi que ao priorizar a vaga de emprego, o participante exerceu uma escolha pelo posicionamento da oportunidade ser mais importante do que a vivência da pesquisa. O grupo o apoiou e foi um belo momento de empatia e encorajamento. Pouco antes do final do encontro foi proposto o segundo exercício criação da “Linha do Tempo” para exercitar um pensamento cronológico de acontecimentos relacionado às histórias de vida.

No terceiro encontro, foram apresentadas as “Linhas do Tempo” e, a partir dos marcos apresentados, fomos expandindo a reflexão, fazendo relações com outros eventos sociais e

---

<sup>6</sup> A Lei 10.097/00 da Aprendizagem, também conhecida como Menor Aprendiz, Aprendiz Legal ou Jovem Aprendiz, é uma lei do Brasil aprovada em 2000 e regulamentada em 2005. Ela determina que toda empresa de grande ou médio porte deve ter de 5% a 15% de aprendizes entre seus funcionários. A Casa do Menor é uma instituição formadora de jovens aprendizes e por meio de parceira com outras empresas oferece esse serviço.

políticos do mesmo período. Foi também um momento de muita troca entre as histórias, eventos parecidos como problemas de relacionamento na escola, principalmente no período da adolescência, a descoberta da sexualidade e a dificuldade de tratar esses temas com a família foram pautas que tiveram bastante destaque. Esse foi um dia muito sensível, por mais que o grupo tivesse orientações sexuais diversa, foi se demonstrando muita empatia, principalmente com a história da Mariele, que tem muitas questões e conflitos familiares, por conta que é lésbica, um momento repleto de aprendizados.

No final do encontro foi proposto o exercício do “Painel do Futuro”, todos os participantes ganharam uma cartolina amarela e foi indicado aos participantes criarem um painel imagético com figuras que representasse sonhos, desejos e aspirações para o futuro.

Após a proposição do exercício, os participantes, como primeiro impacto, demonstraram animação em fazer a atividade. A ideia de lembrar os velhos tempos de escola, onde fazíamos cartazes, interessou a Evanise que comentou “estava com saudades de fazer esse tipo de atividade”, Mário completou “era muito levado no tempo de escola, mas os meus cartazes eram os melhores da classe”. Essas reações só reforçam nosso pressuposto que atividades lúdicas podem engajar melhor os participantes de pesquisa acadêmica.

O quarto encontro foi o mais complexo de acontecer. Nem toda empolgação com a possibilidade criativa do exercício do “Painel do Futuro” diminui o peso da projeção do que seremos. Esse foi um exercício completo na trajetória da pesquisa, o grupo de maneira geral ficou apreensivo com a projeção do futuro.

Evanine me mandou mensagem e informou que não conseguiria realizar a atividade e completou “não quero mais participar da pesquisa, minha mãe está me cobrando o que serei no futuro. Está me perguntando qual faculdade quero cursar e não consigo responder. Esse exercício está me lembrando ela. Desculpe, preciso parar”. A angústia foi acolhida e a encorajei de tomar a decisão na desistência, contudo conversamos sobre a importância de tomar decisões e como a vida nos assusta. Acordamos um canal de diálogo aberto como forma de manter o contato.

Mariele, também, demonstrou medo de se projetar no futuro e todo o processo de acolher e conversar sobre o assunto também foi acolhido. Esse movimento das duas únicas personagens femininas desistirem, por medo da projeção do futuro, me induz a pensar na vulnerabilidade ainda maior de mulheres na sociedade. Não sou um pesquisador da questão

feminina na sociedade, mas não sou ingênuo para não perceber que estamos em uma sociedade machista e misógina que dificulta ainda mais o desenvolvimento pessoal feminino sem querer abrir uma discussão, que talvez não dê conta de sustentar, penso essas suas desistências me mostra um reflexo da sociedade que limita cada vez mais a ascensão feminina em suas dimensões políticas, subjetivas e pessoais.

E depois de todos os contratempos sanados, o quarto encontro foi o momento que menos precisou da mediação do pesquisador. Os participantes restantes deram o tom, levantando questões pertinentes relacionadas a todo o histórico de encontros anteriores, sobre o exercício do Painel do Futuro e como tinham desenvolvido um melhor entendimento de suas histórias de vida. Conseguiram expor suas opiniões e entendimentos de vida com mais segurança. No final encontro, foi apresentado o exercício “Diretrizes para Escritas Autobiográficas”, um documento que norteia a elaboração da escrita.

Os encontros 5, 6 e 7 foram individuais com Edgar e Mário, neles tratamos de conversar sobre como seria a elaboração da escrita. Foi um processo bastante construtivo, no final conversamos, por horas, sobre o que seria conteúdo de escrita.

No oitavo encontro, estavam presentes as personagens Mário, Edgar e Eu. Foram trocadas as autobiografias de modo que o autor da escrita iria ler outra narrativa. No final da leitura comentamos sobre todo o processo. Edgar comentou:

“Foi um lindo esse caminho de autodescobertas, me senti importante. Nunca tinha parado para pensar tanto sobre minha história. Estou me sentindo chic”. E Edgar completou “quero mostrar esse resultado lá em casa, minha família vai sentir orgulho de mim. Estou sentindo isso agora. Que sensação boa!”

A construção das narrativas, e desse trabalho, me fez refletir sobre história de vida enquanto uma dimensão política e social, pois perceber sua própria existência é um ato de empoderamento de modo que você se apropria de um discurso, enfrenta questões delicadas do seu passado, fala sobre elas. Edita se for necessário, acrescenta ou retira. Inventa, reinventa, enfim, cria e registra uma narrativa exclusiva sobre si mesmo. Outra dimensão que foi observada foi a capacidade de empatia que foi sendo gerada no compartilhamento de experiências. Foi um interessante processo de engajamento afetivo, o grupo se interessava, se ouvia, opinava se emocionava junto e respeitava quando não se conseguia mais continuar falando.

## **CAPÍTULO 2. TRILHAS CONCEITUAIS**

Nos últimos anos do século XX, Hall (1997) declarou que estávamos vivendo uma “revolução cultural” – no sentido substantivo, empírico e material da expressão. Hoje vivemos o início da terceira década do século XXI, as observações de Hall (1997) continuam atuais e a cultura continua ocupando centralidade na organização das atividades, instituições e relações da sociedade.

Dessa maneira, no presente capítulo, fiz um esforço de relacionar conceitos e perspectivas científicas acerca dos estudos culturais, educação, sociedades modernas, juventudes e a Baixada Fluminense, com o intuito de elucidar de forma ampliada dimensão que afetam, interferem e manipulam os processos de construção de identidades e de juventudes.

Esse foi o espaço que reservei para discorrer sobre como impacto das dimensões culturais, educacionais e sociais se relaciona com as juventudes e como se manifesta no processo de construção das identidades. Entendo que, elas se formam por meio de um processo de aprendizado contínuo e expandido e explorarei mais a seguir.

### **2.1. A centralidade da cultura**

A expressão ‘centralidade da cultura’ indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo. A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam das telas, nos postos de gasolina. [...] É quase impossível para o cidadão comum ter uma imagem precisa do passado histórico sem tê-lo tematizado, no interior de uma ‘cultura herdada’, que inclui panoramas e costumes de época. [...] Ao mesmo tempo, a cultura aprofunda-se na mecânica da própria formação da identidade. (HALL, 1997, p. 22-23).

Desse modo, primeiramente, vale refletir o que é cultura, dada a polissemia que o termo é encontrado nas ciências sociais. O antropólogo brasileiro Roque Laraia (1988), afirmou que a definição e conceituação de “cultura” como uma questão crucial para a antropologia (LARAIA, 1988, p. 98). Geertz (1989) define como um conceito essencialmente semiótico, dizendo que o “homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, sendo a cultura essa “teia de significados” (GEERTZ, 1989, p. 40).

Laraia (1988) amplia o debate afirmando que o “homem é considerado um ser predominantemente cultural” e os “seus comportamentos não são biologicamente determinados” e sua genética “nada tem a ver com suas ações e pensamentos, pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado” (LARAIA, 1988, p.45). Todos esses autores me parecem construir uma visão de mundo, de modo que as nossas sociabilidades, subjetividades e entendimentos são processos inventados que se configuram dentro da cultura. DaMatta (1981) explica que:

Quando um antropólogo social fala em cultura, ele usa a palavra como um conceito chave para a interpretação da vida social. Porque para nós, cultura não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de civilização, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmo (DAMATTA, 1981, p. 62).

A perspectiva da cultura como formas de habitar, aprender e interagir com as dimensões políticas, econômicas e sociais são aspectos que interajam e afetam formação das subjetividades dos sujeitos. É nesse ponto que se aprofundar nos estudos culturais proporciona criar ferramentas que ajudam a entender os processos de construção de identidades.

Desse modo, vale ressaltar o que Stuart Hall (2006) diz sobre identidade cultural, afirmando que não é “natural”, nem inerente ao indivíduo, ela é preexistente a ele, e como a cultura se transforma, a identidade do sujeito também não é estática, mas sim fluída e principalmente não é uma determinação inocente, nem uma apropriação do inconsciente, ou seja, a identidade cultural é construída. Completa:

O que denominamos ‘nossas identidades’ poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações ou posições que adotamos e procuramos ‘viver’, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). (HALL, 2006, p. 26-27).

Hall (2006), ao refletir sobre o “jogo das identidades”, indica que se algum indivíduo expuser um posicionamento em um debate, sua contribuição será mediada por uma série de atravessamentos que envolvem, por exemplo, o local do nascimento do sujeito, qual é o seu grau de escolaridade, sua profissão, a quantidade de refeições que faz por dia, enfim, toda a forma de habitar e interagir do sujeito (HALL, 2006, p. 33).

Silva (2000, p.81) salienta que: “identidade e diferença não são, nunca, inocentes”, de acordo com o autor, onde existe diferenciação, conseqüentemente, está presente relações de poder. Destaca, grosso modo, que há processos que traduzem essa diferenciação, como incluir-excluir, identificar-representar, marcar-simbolizar, quem pertence e quem não pertence. Demarcar fronteiras, que definem e separam “nós” e “eles”. Classificar. Normalizar.

Isso indica como a sociedade de modo geral hierarquiza as pessoas, Grofoguel (2008) afirma que “ninguém escapa às hierarquias de classe, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas, geográficas e raciais do “sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno” (GROFOGUEL, 2008, p. 118).

Os sujeitos estão imersos nesse sistema-mundo que classifica e normatiza os corpos e subjetividades a partir de traços biológicos, culturais e territoriais. De modo que, não importa quem seja, as hierarquias sociais te rotulam em mecanismos de inclusão e exclusão. A valorização de narrativas exclusivas me parece uma resposta interessante para esse pensamento estrutural da sociedade. Pois se é na representação, que se constrói a identidade do sujeito (FONTES, 2017), quanto mais diversidade existir, mais formas de existir e construir uma identidade única.

Desse modo a definição da diferença compõe então, um importante componente de qualquer sistema de classificação que pretende definir quem é a “identidade” e quem é a “diferença”. Para Cuche (2002) “a imposição de diferenças significa mais a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante, do que o reconhecimento das especificidades culturais” este é um ponto complexo, pois, na medida em que é preciso negar ou reafirma a diferença é preciso fazer o mesmo com a normalidade da identidade.

A identidade tem sido um componente central no vocabulário acadêmico designado a promover uma reflexão crítica sobre quem somos e o que queremos. A identidade nos ajuda a compreender a formação daquele pronome perigoso: ‘nós’, e a levar em conta os padrões de inclusão e exclusão que ela cria mesmo sem querer. [...] O cálculo da relação entre identidade e diferença, entre similaridade e alteridade é uma

operação intrinsecamente política. Isto acontece quando as coletividades políticas refletem sobre o que torna possível suas conexões obrigatórias. (GILROY, 2007, p. 125).

Sentir-se parte de algo não é um direcionamento espontâneo ou automático de algum grupo, e sim o resultado de um trabalho contínuo de desenvolver afetos e sentimentos de pertença. Teixeira (2015, p. 8) comenta que a “consciência da identidade ganha, ainda, poder adicional quando é relacionada à experiência compartilhada, enraizada e vinculada especialmente a um lugar, localização, linguagem e mutualidade”.

Ademais, considero que é preciso fugir da necessidade de encontrar uma identidade pura, ideia essa, que me parece mais nociva do que benéfica para a crítica científica. Nesse sentido, reafirmo as concepções de Hall (2006), que diz que toda identidade é atravessada por outras.

## 2.2. Educação e processos identitários

A educação é outro aspecto que precisa ser dimensionado nessa pesquisa, pois acredito que, o processo de formação contínuo por meio da educação é uma norma social que empodera o sujeito a se sentir alguém importante. E essa indicação foi um consenso nos encontros e debates do grupo de pesquisa, nós concordamos sobre a importância de cursar uma universidade e ter um diploma de nível superior como forma de ascensão social e econômica.

Acredito, também, que é na e pela educação, formal e não-formal, que as sociedades direcionam os indivíduos a uma dinâmica que gera os fluxos de ambições, aspirações e novas leituras de mundo. E desse modo, entende-se a educação por uma perspectiva expandida, indicando inclusive, os suportes e mídias comunicacionais, também, como protagonistas desse processo de aprendizado.

A psicanalista Ivanise Fontes (2017), diz que as formas de ser e existir nas sociedades contemporâneas são mediadas, construídas e performadas por um processo formador contínuo e dinâmico. Nesse sentido Fontes (2017), ao descrever o processo de compreensão do mundo de um bebê, explica:

Em direção a adquirir um primeiro sentido de existir, o bebê vai precisar alcançar uma consciência de separação física da mãe. [...] Sair da unidade-dual para perceber a existência de um eu e de um não eu é a trajetória inicial para o desenvolvimento de um psiquismo. De início, portanto, ego corporal para construir um ego psíquico. [...] O cerne da questão está em que o bebê normal, com uma mãe responsiva, vai precisar adquirir gradativamente essa consciência de que existem dois e não um só. [...] Para garantir um ego corporal é preciso ter vivido uma experiência inicial que garanta a continuidade de existir. Isto porque, nos tempos mais precoces, estamos diante de angústias corporais provocadas pelas sensações de liquefação, de explosão ou de queda sem fim. Essas angústias impensáveis caracterizam o bebê humano e colocam, portanto, a necessidade de se sentir envelopado ou contido inicialmente pelo corpo da mãe (FONTES, 2017, p. 22-23)

A contribuição da psicanálise na dimensão do que tange o processo de aprendizado na criação e manutenção das identidades, reafirma importância dos processos de educação no desenvolvimento pessoal do indivíduo. Desde os nossos tempos de bebê, por meio da observação do ambiente a nossa volta, começa o processo de aprender a sociabilizar, comunicar, se expressar e performar.

Expandindo, ainda mais, o diálogo no âmbito da educação, a pesquisadora Roxane Rojo (2009), explica que o ato de educar é um processo que se desenvolve em âmbitos familiares, territoriais, institucionais, políticos, econômicos e mediados pela mídia. E afirma que, “embora algumas pessoas se alfabetizam fora da escola, essa ainda é a principal agência formadora da sociedade”. Rojo (2009) chama atenção para a importância das escolas como instituições políticas. A professora ainda explica que o alfabetismo é:

Um conceito bastante complexo, sócio-historicamente determinado. Complexo, em primeiro lugar, porque envolve tanto as capacidades de leitura como as de escritas. Em segundo lugar, essas capacidades são múltiplas e variadas. Para ler não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras e sons de fala. É preciso compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto, inclusive o conhecimento de outros textos/discursos (intertextualizar), prever, hipotetizar, inferir, comparar informações, generalizar. É preciso também interpretar, criticar, dialogar, com o texto: contrapor a ele seu próprio ponto de vista, detectando o ponto de vista e a ideologia do autor, situando o texto e o contexto. Além disso, o que se define como alfabetismo muda de uma época para outra, porque essas definições refletem as mudanças sociais (ROJO, 2009, p.10).

A partir desse contexto, o que nos interessa pensar é a trajetória desse ensino-aprendizagem. Mesmo compreendendo a importância da educação formal, sendo indispensável a todo sujeito que viva em nossa sociedade. Pontua também da importância sobre outros saberes e fazeres.

Defendendo a ideia das instituições de ensino possibilitar que seus discentes participem de diversas práticas sociais, incorporando em seus currículos saberes diversos. Cabendo a esses ambientes potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro não somente os modos hegemônicos de cultura. Mas também o que se está nas margens, periferias, nas culturas populares. Entendo que além de horizontalizar os saberes e conhecimentos é preciso perceber a educação e o acesso à informação como um direito vital da humanidade, assim:

é preciso reafirmar que a crítica à concepção que atribui à alfabetização poderes de transformação pessoal e social – que de fato não possui – não deve ser interpretada como tolerância perante políticas educacionais omissas que violam os direitos que jovens e adultos têm de fruir plenamente os bens culturais de nossa sociedade, dentre os quais a alfabetização, uma das muitas portas que abrem horizonte de aprendizagem ao longo da vida. Por isso a importância de se reafirmar, aqui, que a alfabetização e a educação ao longo da vida constituem um direito e não uma ação

de filantropia, realizada por alguns educadores de “boa vontade”. Ao lado de práticas educativas que atendam a esse público sem estigmatizá-lo, é preciso, também, realizar um esforço coletivo para a formulação de políticas públicas que ultrapassem o espírito das campanhas, estendam a oferta de ensino a essa população para as etapas posteriores à alfabetização, tornando-se, assim, permanentes e, de fato, integrantes do sistema educacional (GALVÃO; DI PIERRO, 2013, p. 101).

Nesse sentido, Bourdieu (1998) analisa que a tendência do imperialismo cultural é colocar dentro do âmbito escolar uma visão única e verdadeira, em que dogmas como saber e poder “reina” à vontade. A moeda de troca é o acúmulo de capital intelectual, deixando de lado as identidades sociais, históricas, culturais e políticas particulares dos envolvidos no processo educacional em questão.

Bourdieu (1998) deixa claro que um dos mecanismos para a “separação” dos objetos (por exemplo, em temas ou assuntos) relevantes e não relevantes a um determinado sistema educacional ou campo científico é a convivência da opinião de um determinado grupo (social ou intelectual) sobre um tema, ou um objeto socialmente reconhecido ou não pelos envolvidos no “julgamento”, conforme o contexto histórico em questão. Observa que os objetos “irrelevantes” (temas ou assuntos), conforme a “comissão julgadora”, são passíveis de censura, de modo a serem tomados como “impróprios” ou temas “sem importância” em dado contexto histórico. Em “Os três estados do capital cultural”, o autor analisa o capital cultural sob três formas: estado incorporado, estado objetivado e estado institucionalizado.

No estado incorporado, afirma que a assimilação, “enraizamento”, incorporação e durabilidade do capital cultural em um determinado sistema demandam tempo e somente podem ocorrer de forma pessoal, não podendo ser “externado”, pois perderia a característica própria de capital cultural da instituição. No estado objetivado, o capital cultural aparece na aquisição de bens culturais (escritos, livros, pinturas, etc.), através do capital econômico, sendo indispensável a “posse” do capital cultural incorporado, por possuir “os mecanismos de apropriação e os “símbolos” necessários à identificação do mesmo. O capital institucionalizado, o autor discorre que a “concretização” do mesmo ocorre na “propriedade cultural” dos diplomas e sua aquisição. Para Bourdieu, o capital social é um mecanismo estratégico para difusão de relações em um determinado sistema social, onde a quantidade de volume de capital social e econômico possuídos determina a rede de relações sociais que se pode mobilizar (BOURDIEU, 1998, p. 267-269).

É sobre essa ótica que trago o debate da educação na construção das identidades, como dimensão importante para o desenvolvimento do ser humano em sociedade. A intenção que mais nos acolhe, ao tratar sobre educação, é tencionar que ela pode e deve absorver outras formas e métodos para poder incluir a diversidade e o pleno exercício democrático para as sociedades.

### **2.3. Modernidade em vertigem**

Vivemos dinâmicas aceleradas nas sociedades modernas e nos processos de sociabilidade. De modo que geram novas vivências que, conseqüentemente, criam novas oportunidades e espelhamentos de ser e existir.

Trago a discussão da globalização como forma de elucidar acerca de como as questões do sistema-mundo-globalizado penetra em nossa convivência e assim interfere nas nossas formas de entender e se relacionar em sociedade. A economia, a mídia, o território, por exemplo, são fatores predominantes em nossos processos de construção de identidade. Boaventura de Sousa Santos (2002), alerta:

Há um desassossego no ar. Temos a sensação de estar na orla do tempo, entre um presente a terminar e um futuro que ainda não nasceu. O desassossego resulta de uma experiência paradoxal: a vivência simultânea de excessos de determinismo e de excessos de indeterminismo. Os primeiros residem na aceleração da rotina. As continuidades acumulam-se, a repetição acelera-se. A vivência da vertigem coexiste com a de bloqueamento. A vertigem da aceleração é também uma estagnação vertiginosa. Os excessos do indeterminismo residem na desestabilização das expectativas. A eventualidade de catástrofes pessoais e coletivas parece cada vez mais provável. A ocorrência de rupturas e de descontinuidades na vida e nos projetos de vida é o correlato da experiência de acumulação de riscos inseguráveis. A coexistência destes excessos confere ao nosso tempo um perfil especial, o tempo caótico onde ordem e desordem se misturam em combinações turbulentas. Os dois excessos suscitam polarizações extremas que, paradoxalmente, se tocam. As rupturas e as descontinuidades, de tão frequentes, tornam-se rotina e a rotina, por sua vez, torna-se catastrófica (SANTOS, 2002, p. 41).

O escritor Boaventura de Sousa Santos (2002), ao expor sua teoria crítica pós-moderna desenvolve com base reflexão na dimensão emancipatória, no reconhecimento, na solidariedade, na valorização dos saberes e fazeres e pela e nas diversidades de olhares, experiências, aspirações, propostas e narrativas (SANTOS, 2002, p. 37). Baumam (1999) em diálogo com outros autores comenta:

“Numa geração anterior, a política social baseava-se na crença de que as nações, e dentro delas as cidades, podiam controlar suas riquezas; agora, abre-se uma divisão entre Estado e economia”, observa Richard Sennett. [...] Com a velocidade geral de movimento ganhando impulso — com a “compressão” de tempo/espço enquanto tais, como assinala David Harvey — alguns objetos movem-se mais rápido que outros. “A economia” — o capital, que significa dinheiro e outros recursos

necessários para fazer as coisas, para fazer mais dinheiro e mais coisas — move-se rápido; rápido o bastante para se manter permanentemente um passo adiante de qualquer Estado (territorial, como sempre) que possa tentar conter e redirecionar suas viagens. Neste caso, pelo menos, a redução do tempo de viagem a zero produz uma nova qualidade: uma total aniquilação das restrições espaciais, ou melhor, a total “superação da gravidade”. O que quer que se mova a uma velocidade aproximada à do sinal eletrônico é praticamente livre de restrições relacionadas ao território de onde partiu, ao qual se dirige ou que atravessa (BAUMAM, 1999, p. 64).

Para Baumam (1999), temos que superar o conceito de globalização que “reavalia a ideia de universalização, sendo uma perspectiva que propõe um mundo uniforme, com o objetivo de expandir as mudanças em escala global, tornar as condições de vida semelhantes, desconsiderando toda e qualquer diferença cultural, pasteurizando a vida em sociedade” (BAUMAM, 1999, p. 67). Por outro lado a globalização não diz respeito à igualdade plena. Está relacionada a uma visão onde “todos estariam conectados e reféns a um sistema global, que extrapola fronteiras geo-territoriais e geo-políticas, criando contornos simbólicos e culturais expandidos” (BAUMAM, 1999, 74).

A lógica social acelerada é a essência da globalização. “O espaço deixou de ser obstáculo, não há mais fronteiras naturais nem lugares óbvios a ocupar” (BAUMAM, 1999, p. 85). É na dimensão do efêmero e do precário que se dá pela atenção pública, atraindo o desejo dos sujeitos e afastar seus competidores, “colocando os indivíduos numa condição de que nada dura e não deve durar, numa situação de consumo muito diferente de todas as anteriores”, pois sempre houve o consumo, contudo atualmente a norma social é “engajar seus membros pela condição de consumidores” (BAUMAM, 1999, p. 88), os quais devem cada vez mais serem seduzidos com promessas de satisfação, pelo viés da exclusividade ou experiência, passando uma falsa ideia de que estamos livres para desfrutar do nosso direito de escolha. “A única opção proibida é a de não escolher” (BAUMAM, 1999, p. 92).

Entendo que com essa dinâmica do mundo globalizado, onde a ideia de Aldeia Global de McLuhan (1972), que propõe a partir do advento e do desenvolvimento tecnológico dos novos meios de comunicação (como a TV e o telefone, por exemplo), o mundo se interligaria completamente, havendo, assim, uma intensa troca cultural entre os diversos povos, aproximando-os como se estivessem numa grande aldeia inteiramente conectada.

Esse pode parecer até um imaginário interessante, mas não podemos perder de vista a dimensão econômica das sociedades. Desse modo, para os mais ricos a apropriação, o acesso e a mobilidade territorial, seria um trânsito seguro e opcional. Já para os mais pobres é uma dinâmica de exclusão e, desse modo, essa população só consegue ter acesso a essa possibilidade, com a promessa do trabalho duro, de ser alguém na vida, para poder desfrutar de toda essa ideia de “conforto” e “exclusividade”.

Na contribuição de Milton Santos (2003), em “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”, o autor ressalta, que a ideia central de globalização é um fenômeno reversível, podendo ser usada para o bem da humanidade. A isto enfoca: “Na realidade, o que buscamos foi, de um lado, tratar da realidade tal como ela é, ainda que se mostre pungente”; e, de outro lado sugere “a realidade tal como ela pode vir a ser, ainda que para os céticos nosso vaticínio atual apareça risonho” (SANTOS, 2003, p.13).

Santos (2003) inicia sua reflexão com a questão da fabulação (fábulas, ideologias), imposta por atores hegemônicos, aproveitando-se do alargamento de todos os contextos, pelas corporações privadas e os Estados Nações, que permitem a legitimação da globalização como algo inevitável, a consagrando em um discurso único. Nas palavras de Milton Santos (2003): “É a partir da unicidade das técnicas, da qual o computador é uma peça central, que surge a possibilidade de existir uma finança universal, principal responsável pela imposição a todo o globo de uma mais valia” (SANTOS, 2003, p. 27), completa:

Sem as fábulas e mitos, este período histórico não existiria como é. Uma dessas fábulas é a tão repetida ideia de aldeia global. O fato de que a comunicação se tornou possível à escala do planeta, deixando saber instantaneamente o que se passa em qualquer lugar [...]. Um outro mito é do espaço e do tempo contraídos, graças, outra vez aos prodígios da velocidade [...]. Fala-se, também, de uma humanidade desterritorializada, e essa idéia dever-se-ia outra, de uma cidadania universal. (SANTOS, 2003, p. 35).

Entendo que o autor indica que a globalização, do jeito que ela se dá atualmente, é imposta por meio dos interesses do capital, que polarizam a economia em atores hegemônicos e periféricos, influencia uma competição desigual, determinando a escassez e a pobreza para os excluídos e enfraquece a autonomia dos Estados em ditar regras. Segundo ele: “A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala” (SANTOS, 2003, p.37). Acrescenta:

Essas técnicas da informação são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque escapa a possibilidade de controle. (SANTOS, 2003, p.39).

Seria leviano não destacar a influência maciça da mídia Milton Santos (2003) afirma que é usada para a disseminação e manipulação dos sujeitos através de “fábulas e ideologias”, usando e se apropriando de todas as formas e meios característicos da globalização para privilegiar grupos, manipular os afetos e fragmentar os sentimentos de pertencimento.

Há uma relação carnal entre o mundo da produção da notícia e o mundo da produção das coisas e das normas. A publicidade tem, hoje, uma penetração muito grande em todas as atividades, como na profissão médica, ou na educação. [...] Hoje, propaga-se tudo, e a política é, em grande parte, subordinada às suas regras. (SANTOS, 2003, p.40).

A influência da mídia é uma dimensão que influencia fortemente na construção das identidades. Na troca de experiência dos encontros no grupo de pesquisa, principalmente, no que se referiam às aspirações de futuro, as narrativas seguiam o padrão de desejar uma família, um carro, uma casa bonita, um emprego e uma velhice confortável. Desejos esses enraizados no imaginário popular como um futuro perfeito. Identificando essa concepção adquirida nas publicidades de maneira geral.

Desse modo, seria prudente alertar, que tudo funciona de acordo com as lógicas do capital financeiro, a violência do dinheiro e da informação geram competições e imaginários, que impactam principalmente o pensamento dos mais pobres. Santos (2003) denominou essa dinâmica como “globalitarismo”. Disse, no espaço do território e do dinheiro: “A concorrência atual não é mais a velha concorrência, sobretudo porque chega eliminando toda forma de compaixão”. (SANTOS, 2003, p.46).

A “globalização” está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” — e isso significa basicamente o mesmo para todos (BAUMAM, 1999, p. 7).

Ademais, acredita-se que as particularidades locais são o que tornam os sujeitos, ao mesmo tempo, igual entre iguais e diferentes entre outros, já que o pertencimento a um território significa pertencer a um rede de identificação política, social e, especificamente, cultural. Em outras palavras, significa compartilhar crenças, convicções e ideais.

A construção das identidades é uma dimensão que é fortemente impactada pela globalização, mídia e mercado econômico. A ideia pressupõe a desterritorialização e desinstitucionalização, em uma dinâmica de um mundo sem fronteiras. Gera a falta das referências locais, na deslegitimação da tradição, na ruptura com a ancestralidade e na criação de um imaginário que tudo que é popular, periférico e diferente seria menos interessante.

## 2.4. Juventudes

Pensar sobre juventude, ou juventudes, é um desafio complexo. Por se referir a uma realidade que, a mim, é muito próxima e com a qual inclino a confundir-me, pois observo frequentemente uma auto-referência no que tange ao conceito de juventude, tanto na reflexão teórica quanto nos desdobramentos decorrentes dela.

A inclinação em projetar a juventude com a qual me identifico como idealização ou experiências vividas no que é ou acredito que deve ser um jovem, desafia-me a olhar e ver o que se passa a partir de outros pontos de vista, o que resulta em um discurso híbrido. Abordar a juventude exige um esforço de estranhamento, que nem sempre é fácil, quando estão em jogo tantos pontos de vistas diferentes referentes às minhas próprias referências culturais e sociais.

Em um esforço para conceitualizar cientificamente a ideia de juventude, optei por um diálogo multidisciplinar, trazendo algumas vozes para tecer uma rede de ideias que tentaram dar conta de ilustrar perspectivas acerca das juventudes.

Segundo Pierre Bourdieu (1983), a juventude é apenas uma palavra, pois, na realidade, existem várias ou pelo menos duas juventudes, a burguesa e a das classes populares, que têm entre si suas diferenças cruciais, em todos os setores de suas vidas. Utilizar o termo juventude para falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns e relacionar esses interesses a uma idade biologicamente definida, para ele é uma manipulação evidente e um formidável abuso da linguagem. (BOURDIEU, 1983, p.2). A crítica do autor se dá pelo fato de que muitos usam o termo de maneira genérica para designar diferentes realidades. (BOURDIEU, 1983, p. 2). Desse modo, assumo a perspectiva de refletir sobre juventudes, no plural.

Para Pochmann (2004, p. 217):

Ao longo do ciclo da vida humana, a juventude tem sido identificada como uma fase etária intermediária, de transição da adolescência para adulta. Devido a sua complexidade, essa fase etária, geralmente de dependência econômica e associada à educação e à formação - próxima de constituição de uma vida familiar e profissional própria -, vem deixando de ser cada vez mais um espaço de decisão privada para se transformar em agenda de intervenção pública.

Essa afirmação de Pochmann (2004) se refere à etapa da vida trazendo a ideia de juventude relacionada à faixa etária. Desse modo, para que um sujeito se identifique como jovem, ele precisa ter um limite de idade que para o Estatuto da Juventude, ancorado na Lei no 12.852/2013, são considerados jovens indivíduos entre 15 a 29 anos.

Sarti (2004, p. 115), ao trazer outra visão acerca da juventude e família, afirma que:

Os jovens caracterizam-se precisamente pela busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como parte de seu processo de individualização, perante o mundo familiar e social. Necessitam falar de si no plural, recriando “famílias” (como construção de “nós”) fora de seu âmbito familiar de origem, através dos vários grupos de pares (*peer groups*), seja entorno de música (*rock, rap*), de outras atividades culturais, esportivas ou de outras formas de expressão dos jovens no espaço público. Heller (1996) comenta que a sensação de “estar em casa”, no mundo moderno, prescinde da experiência espacial da casa, o que permite aos filhos em conflito com os pais que se sintam mais “em casa” com o seu grupo de pares do que com sua família, vista como estranha. Essa experiência será evidentemente social e culturalmente diferenciada de acordo com os recursos simbólicos e materiais disponíveis para cada família.

A dimensão da familiar foi algo muito discutido em nossos encontros de pesquisa. Uns participantes tinham a família como porto seguro, enquanto que outros tinham seus familiares como rivais. A família é o nosso primeiro núcleo de sociabilização onde iniciamos nosso processo de aprendizado. Acontece que se a ruídos nessa convivência a experiência familiar pode ser muito traumática.

As duas participantes femininas, que assumiram sua orientação homossexual na condição de lésbicas, relataram que sofreram grandes represarias dentro de casa. Eu, também como homossexual na condição de gay, também compartilho da experiência repressão familiar. De modo que, a negação da minha sexualidade gerou diversas inseguranças, na construção da minha identidade, principalmente, nos tempos de adolescente.

Ser o primo que não joga bol e nem solta pipa gerou um ambiente de exclusão, solidão e medo, que me fizeram desenvolver uma personalidade passiva-agressiva em relação a julgamentos pessoais. Foi um longo trabalho de análise com acompanhamento psicológico e autocrítica para controlar os excessos a qualquer crítica.

Ademais, vale ressaltar que e grande maioria, os familiares, principalmente as figuras de pai e mãe, foram educados a reproduzirem esse tipo de comportamento e controle,

Impondo uma heterossexualidade compulsória e limando todo tipo de diferença, com a desculpa que estaria protegendo o filho de possíveis violências e ignorando, totalmente, o fato que reprimir a sexualidade é um ato tão violento quanto qualquer outro tipo de violência.

E em relação ao tema da violência e juventude, Soares (2004), comenta:

Está em curso no Brasil um verdadeiro genocídio. A violência tem se tornado um flagelo para toda a sociedade, difundindo o sofrimento, generalizando o medo e produzindo danos profundos na economia. Entretanto, os efeitos mais graves da nossa barbárie cotidiana não se distribuem aleatoriamente. Como tudo no Brasil, também a vitimização letal se distribui de forma desigual: são sobretudo os jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 e 24 anos, que têm pago com a vida o preço de nossa insensatez coletiva. O problema alcançou um ponto tão grave que já há um *déficit* de jovens do sexo masculino na estrutura demográfica brasileira. Um *déficit* que só se verifica nas sociedades que estão em guerra. Portanto, apesar de não estarmos em guerra, experimentamos as consequências típicas de uma guerra. Nesse caso, uma guerra fratricida e autofágica, na qual sem perspectivas e esperanças, recrutados pelo tráfico de armas e drogas (e por outras dinâmicas), matam seus irmãos, condenando-se também eles, a uma provável morte violenta e precoce, no círculo vicioso da tragédia (Soares, 2004, p. 130).

Soares (2004) descreve esse alarmante cenário que pode ser vivenciado recorrentemente nos telejornais. Jovens, em sua grande maioria do sexo masculino, negros e pobres, morrem diariamente nas guerras civis contra o crime organizado e o narcotráfico. Meninos esses que sofrem um processo de desumanização por parte da mídia, que cria uma narrativa distorcida, direcionando a culpa para o indivíduo, de modo que, desconsidera toda a responsabilidade do poder público que tem por obrigação garantir a integridade de todos os cidadãos.

Gênero e raça são outros dois recortes que interferem nas trajetórias dos jovens. As moças pobres se “beneficiam” do crescimento do emprego doméstico, mas moças de classe sociais diferentes ganham menos que os rapazes quando ocupam os mesmos postos de trabalho. Mas se a “boa aparência”, exigida para certos postos de trabalho, exclui os jovens e as jovens mais pobres, esses “requisitos” atingem particularmente jovens negros e negras. Enfim, ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença. [...] Mas isso ainda não é tudo. Para a maioria da juventude brasileira que vive nas grandes cidades, há ainda outro critério de diferenciação: o endereço. Para as gerações passadas esse critério poderia ser apenas um indicador de estratificação social, indicador de renda e mesmo de pertencimento de classe. Hoje, o endereço não é apenas um indicador de subalternidades econômica ou de

estratificação social. Certos endereços trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia. Ao preconceito e discriminação de classe, gênero e cor, adiciona-se o preconceito e “a discriminação por endereço”. Nesse cenário, para a determinação das possibilidades de inclusão/exclusão social, é diferente ser pobre, negro ou branco, homem ou mulher e viver ou não viver em uma área da cidade classificada como violenta (NOVAES, 2003, p. 121).

Por isso, precisamos falar sobre juventudes, no plural, pois a violência que atinge a população masculina negra brasileira não é a mesma para os mais brancos e ricos. E se continuarmos desdobrando mais arranjos envolvendo gênero, sexualidade, raça e classe é possível de perceber outras nuances. São muitos os aspectos que influenciam a construção da identidade, principalmente quando estamos falando de juventudes. Sendo um período de grandes expectativas sobre o futuro, mudanças físicas, hormonais e subjetivas.

O tema da identidade para juventude aparece, assim, como importante, pois é uma fase caracterizada como grandes transições, “pois nela se gesta um vir-a-ser, é, ao mesmo tempo, uma construção do presente, enquanto superação da infância, e em saída da infância” (SPOSITO, 1996, p. 98). A busca da idade adulta remete para o jovem, quer individualmente ou em grupo, à questão do auto-reconhecimento e de ser reconhecido. “Assim, a identidade, individual ou coletiva, sempre pressupõe a dimensão da alteridade, ao ser uma categoria social e relacional” (SPOSITO, 1996, p. 98).

E ainda sobre identidades juvenis, Sposito (1996, p. 98-99) tece a seguinte reflexão:

Mas é preciso, também, levar em conta esse movimento que constitui a identidade em sua dupla dimensão: trata-se de se perceber semelhante aos outros e, ao mesmo tempo, afirmar a diferença, paradoxalmente, só pode ser afirmada e vivida como tal, ao supor uma certa igualdade e uma certa reciprocidade. [...] Se a questão da identidade é fundamental para a compreensão desse momento da vida humana, tendemos, no entanto, a considerá-la, no caso do jovem, a partir do estereótipos, quase sempre nascido pela elaboração de uma imagem originada na mídia. Ao nos referimos ao universo juvenil, em geral, sem recortá-lo sob ótica da classe social, tendemos a considerar os jovens consumistas ou alienados. Se recuperamos a extração de classe, sobretudo para qualificar os alunos da escola pública, acrescentamos, na maioria das vezes, o atributo de violentos ou marginais. [...] Os dilemas que advém desta situação bastante frequente são, pelo menos, dois: de um lado, o estereótipo é aliado íntimo do preconceito, fato criador de enormes dificuldades para aqueles que se dedicam ao trabalho educativo. De outra parte, o

estereótipo não permite que interrogamos o sujeito - neste caso o aluno jovem - ao qual atribuímos determinadas características a *priori* e negamos o direito de fala, isto é, nos negamos escutar o que ele teria a nos dizer sobre si mesmo. Mais ainda, a heteronomia anula qualquer processo de autonomia, pois acabamos por considerar que o jovem é incapaz de produzir orientações a partir de si mesmo, e que o jovem é incapaz de produzir orientações a partir de si mesmo, e que as definições que lhe são imputadas exteriormente são suas próprias definições. Muitas vezes, essa significação tornam-se, de fato, representações incorporadas pelo jovem no seu auto-reconhecimento, sendo traduzidas pelo estigma, que conforma, ou melhor, deforma sua identidade.

Desse modo, acredito que faz mais que necessário falar da narrativa exclusiva do sujeito, pois nesse jogo entre o mundo externo e o mundo subjetivo, as construções simbólicas operam numa relação de fluxos de espelhamentos, aspirações, opressões e dialéticas. De modo que, cada sujeito constrói as suas visões de mundo e modos de habitar, a partir do discurso externo internalizado e um discurso sobre si mesmo que contém, também, sua própria formulação de mundo e particularidades.

Ademais, ressalto a afirmação de Bourdieu (1983), “a juventude é apenas uma palavra”, de modo que, dar conta de conceitualizar “juventudes” é um esforço dialético, que precisa levar em conta diversos aspectos sociais. Mais que fazer uma dedução dos modos de vida das juventudes, a partir de imaginários correntemente identificados com as culturas dominantes. Interesse-me mais em estar aberto a uma análise da narrativa dos jovens, partindo dos seus infinitos mecanismos, estratégias e táticas quotidianas de representação e auto-representação, que tentar fechar uma ideia sobre o que é juventude. Seria essa uma tentativa de olhar a construção das identidades, pela abordagem das juventudes.

## 2.5. Baixada Fluminense

Não existe um consenso acerca do que é Baixada Fluminense, quais seus limites e seus municípios. A cada trabalho sobre essa região reabre-se o debate, pois cada autor coloca-se de maneira diferente em relação à área geográfica. Para Simões (2006):

existem alguns consensos que devem ser ressaltados. Os municípios de Nova Iguaçu e Duque de Caxias são apontados, com unanimidade, como núcleos desta região, assim como não há questionamento sobre a inclusão de seus “satélites” imediatos, como Belford Roxo, São João de Meriti, Nilópolis, Mesquita, Queimados e Japeri, que são incluídos como parte da Baixada Fluminense por todos os autores, mas nem sempre analisados com a mesma profundidade que o “núcleo duro”. Os problemas se encontram nos limites leste, oeste e norte. Dependendo dos autores, Magé e Guapimirim podem ser ou não inseridos na Baixada Fluminense, o mesmo ocorrendo com Itaguaí, Seropédica e Paracambi (SIMÕES, 2006, p. 24).

Assim sendo, assumo que a Baixada Fluminense faz parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e abrange 13 municípios. Contendo um quantitativo de mais de 3 milhões de habitantes, o equivalente a 23% da população do Estado do Rio de Janeiro, segundo o Painel Setorial do SEBRAE/RJ (SEBRAE, 2015).

Vale ressaltar que a Baixada Fluminense é um território identitário gigantesco, complexo, diverso e multicultural. A antropóloga Sandra Regina Soares da Costa (2010), ao escrever sobre a região afirmou que:

A Baixada Fluminense tem despertado a atenção de pesquisadores das ciências sociais já há algum tempo. Inicialmente, o interesse pautava-se num forte estigma e nas péssimas condições de vida que pesam sobre os seus moradores. Atualmente, somam-se igualmente trabalhos que vislumbram o nascimento de uma identidade que preza pelo destaque de qualidades positivas. Temos aí um jogo entre categorias antagônicas: para alguns, em determinados momentos, a Baixada é o lugar no qual não se vislumbram as mínimas condições habitacionais, não existem “opções de lazer”, e o espaço é dominado pelos chamados “grupos de extermínio”. No extremo oposto, a localidade é definida como lugar onde “as pessoas são mais solidárias”, vivem com mais “segurança”, configurando um verdadeiro “celeiro cultural” (COSTA, 2010, p. 46 e 47).

Tencionar a dimensão da Baixada Fluminense é importante, pois ela acaba sendo um plano de fundo das narrativas. O território versa muitas influências na construção das identidades. A tentativa de refletir e tecer considerações advindas dos participantes dessa

pesquisa que venham a serem todos oriundos da Baixada Fluminense, a partir de uma rede de referências conceituais e das narrativas exclusivas, configura como principal objetivo desse trabalho.

Enne (2001) ao refletir sobre os modos de habitar esse território, comenta:

As pessoas que residem na Baixada Fluminense experimentam, continuamente, situações de conflito quanto às imagens que são projetadas para a região em que vivem, seja pelas representações da mídia e do senso comum, seja por aquelas criadas por setores da própria região. Esta relação de conflito evidencia-se ainda mais nas situações de contato, que, como indica Goffmanix, aumentam as possibilidades de identificação negativa dos estigmatizáveis, caso típico dos moradores da Baixada. É no mundo fora da Baixada, na imprensa, na grande mídia, no emprego, no local em que se estuda, no fim de semana na praia, enfim, nas diversas situações de interação e estabelecimento de fronteiras é que esta possibilidade de receber sobre si a marca da discriminação e do preconceito, conjugadas nas visões estereotipadas de que a Baixada é um lugar que se resume à violência e pobreza, aparece com mais força. A experiência cotidiana de quem reside na Baixada é, portanto, não linear e composta de um imaginário (entendido aqui como um conjunto de imagens projetadas sobre determinado objeto, fruto de construções de matizes diversas e espelho/reflexo de discursos vários sobre o mesmo)ix em permanente atualização (ANNE, 2001, p. 2).

Acredito, falando como jovem que nascido e criado na Baixada Fluminense, que a partir de experiência em fazer parte de um imaginário tão ambíguo, que por um lado vivenciamos um território extremamente violento, com poucas opções de cultura, lazer, oportunidades de emprego e educação de qualidade. Por outro, encontra-se bolhas e grupos que resistem e recriam suas existências.

Desse modo, trazer e apresentar algumas olhares sobre a Baixada Fluminense enriquece e aprofunda as possíveis análises das narrativas, pois nossas identidades não fogem das influências exercidas pelo território.

### CAPÍTULO 3. NARRATIVAS EM FLUXO

O “ter que ser algo” me parece ser uma questão ontológica para as sociedades contemporâneas. Pois carregamos conosco marcas físicas e simbólicas que serão interpretadas, analisadas, criticadas, aceitas ou não. E, em menor ou maior intensidade, seremos cobrados de diversas formas por nossas existências.

Entendo que as narrativas dos sujeitos se inventam e reinventam nas experiências, vivências e aprendizados cotidianos. Goffman (2012) centraliza seu pensamento na ideia de experiência de cada indivíduo; para o autor, as experiências são resultantes das realidades onde os indivíduos estão inseridos. Conduz seu trabalho acerca dos quadros (*frames*) por meio de uma questão: “O que está acontecendo aqui?”. Para o autor, é essa busca da resposta que faz com que as pessoas emoldurem sua experiência (GOFFMAN, 2012, p. 30). O conceito de *frame*, para ele, é compreender os vários tipos de situações cotidianas onde a atribuição de realidade e irrealidade está presente e em que medida as situações também organizam formas de articular a interpretação daquilo que acontece (Goffman, 2012).

Goffman (2012, p. 15) enfatiza, ainda, que um “exemplo do processo de enquadramento da realidade é aquele exercido pela mídia de acordo com as notícias cotidianas veiculadas”. Ele argumenta que é “nas narrativas engendradas pelos frames que se fortalecem as crenças sobre o funcionamento do mundo” (Goffman, 2012, p. 15). Nas palavras do autor:

É óbvio que os acontecimentos passageiros típicos ou representativos não constituem notícias só por essa razão; apenas os acontecimentos extraordinários são notícias, e mesmo estes estão submetidos à violência editorial praticada rotineiramente por redatores afáveis. Nossa compreensão do mundo precede essas histórias, determinando quais delas os repórteres selecionarão e como serão contadas aquelas que foram selecionadas (Goffman, 2012, p. 38).

Goffman (2012) deixa claro que os participantes ou observadores de uma determinada situação estão numa relação de compartilhamento de quadros. Para o autor, há os chamados quadros primários, sendo estes entendidos como naturais ou sociais, divisão esta feita em função de sua atribuição de causalidade.

Os quadros primários naturais tratam de acontecimentos físicos sem qualquer consciência causadora. Em contrapartida, os quadros primários sociais tendem a possibilitar a compreensão de outros tipos de acontecimentos (Goffman, 2012).

Os quadros primários sociais, por outro lado, fornecem uma compreensão de fundo para os acontecimentos que incorporam a vontade, o objetivo e o esforço de controle de uma inteligência, de um agente vivo, sendo o principal deles, o ser humano [...] Aquilo que ele faz pode ser descrito como ações guiadas. Estas ações submetem o agente a padrões, à avaliação social de sua ação com base em sua honestidade, eficiência, economia, segurança, elegância, tato, bom gosto e assim por diante (Goffman, 2012, p. 46).

Em “Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise”, Goffman (2012) explora as chamadas vulnerabilidades, definindo o conceito de “emolduramento da experiência da cena”, no qual aponta várias possibilidades. As molduras carregam uma duplicidade: são tanto reconhecidas nas situações social e materialmente configuradas em espaço e tempo, como são também aplicadas pelos indivíduos com diferentes subjetividades. Por isso, há diferentes graus de literalidade ou de abertura a diferentes interpretações (Goffman, 2012).

Nessa perspectiva, o autor recorre ao conceito de interacionismo, de modo que para Goffman (2012), o indivíduo é dotado de um eu (*self*), uma essência de personalidade. A partir do exposto, é necessário destacar que a concepção adotada pelo autor tem como foco a questão de que o indivíduo exerce múltiplos papéis.

O indivíduo influencia o modo que os outros o verão pelas suas ações. Por vezes, agirá de forma teatral para dar uma determinada impressão para obter dos observadores respostas que lhe interesse, mas outras vezes poderá também estar atuando sem ter consciência disto. Muitas vezes na será ele que moldará seu comportamento, e sim seu grupo social ou tradição na qual pertença (Goffman, 2007, p. 67).

A formulação de reflexões a partir do dispositivo da construção da identidade, conforme a análise do mundo social proposta por Goffman (2012), da consistência da indicação pela importância da narrativa exclusiva do sujeito na construção de sua identidade. Por isso a análise da identidade da juventude não pode ser feita isoladamente ou fora do contexto social. Sendo assim, é importante desde já destacar que a identidade se constrói.

(...) podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas relações com as relações de poder (SILVA, 2000, p. 96).

Desse modo vale ressaltar que as identidades são construídas com base em tradições, mitos, eventos históricos, narrativas, códigos e imagens próprios de um tempo e lugar que são influenciadas pelo processo de globalização, que de acordo com Hall (2011, p.75):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”.

E, de acordo com a relação de pertencimento e da identidade, Bauman (2005) ainda indaga que a identidade não apresenta solidez eterna, e sim a limitação de uma estrutura que está em constante transformação. Transformações essas acessadas por diversas fontes, apresentadas por terceiros ou através das nossas escolhas.

Nesse capítulo apresento a minha autobiografia e as duas biografias que foram produzidas na pesquisa de campo: a do Edgar e do Mário. Também realizo uma análise das narrativas, de modo que, reflito a partir das dos escritos sobre território, relações familiares, religiosidade, educação, violência e troca de experiências.

### **3.1. Uma autonarrativa sobre mim**

Escrever sobre si, é um ato de coragem, pois não é apenas registrar histórias do passado, é especialmente pensar sobre as histórias, rememora-las. É sistematizá-las em parágrafos de textos, cheio de regras gramaticais específicas. É um exercício de traduzir sentimentos, experiências, sensações, amores e amizades. Escrever sobre si é ser experimento e cientista ao mesmo tempo. É a máquina do tempo que permite mudar o futuro. É ser espectador e protagonista da história, da minha história. Esta começa em 1991, no dia 7 de setembro, por volta das 14h15 da tarde. Era sábado, dia de comemorar a independência do Brasil. Feriado nacional. Segundo minha mãe, fazia calor na cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro.

Sou primeiro filho e neto das famílias que juntas me geraram. Tive mimos, responsabilidades e expectativas de primogênito. A história da escolha do meu nome foi meio inusitada. Eram cinco pessoas com sugestões de nomes. Em consenso, decidiu-se fazer um sorteio para escolher. O nome vencedor foi escolhido pela minha mãe, Rose Nogueira, que propôs Rômulo da Silva Vieira. Roberto foi o escolhido pelo meu pai, pois queria o nome dele no primeiro filho da família, Rafael escolhido pela minha avó paterna, Dona Nair, Romário escolhido pela minha avó materna, Dona Maria de Lurdes, e Richard escolhido pelo meu avô paterno Sr. Roberto Vieira.

Filho de Rose, professora de séries iniciais da rede pública de ensino do município de Nova Iguaçu, e do Robertinho, funcionário público do Governo Federal da área de saúde coletiva, que antigamente eram chamados de “os mata mosquitos”, da extinta SUCAM. Nasci e cresci entre as cidades de Nova Iguaçu e Belford Roxo, no Rio de Janeiro. Quase dois anos depois do meu nascimento, em 26 de abril de 1993, que acabou herdando o nome do meu pai, ganhei uma irmã, chamada Roberta da Silva Vieira.

Fui filho de pais jovens, minha mãe tinha 19 e meu pai 28 quando nasci. Hoje entendo que por uma série de questões sociais o relacionamento dos meus pais era muito conturbado. Muitas brigas, pouco dinheiro e inexperiência. Resultou que com pouco mais de um ano de idade, fui morar com meus avós paternos, Nair e Roberto. Morei com eles até os 11 anos de idade.

Tive uma infância mais calma que a adolescência, com bons amigos no bairro. Estudava em uma escola pequena perto da casa. O problema foi o tempo passando e eu

começando a crescer. A minha fase de adolescência foi terrível! Eu não entendia nada! Não entendia porque eu era a piada. Porque quando eu passava as pessoas olhavam e cochichavam.

E aquele garotinho, que ainda era uma criança, aquele pequeno garotinho, gordo desajeitado, falante, criativo que morava com os avós foi crescendo mais afeminado que o “normal”. Com jeitinho de “boiola”. Foi aí, que ainda muito cedo, por volta dos 10 anos, descobri uma das facetas da minha identidade. O espectro da sexualidade pautou por muito tempo toda a minha existência.

O primeiro momento ainda na adolescência que se estendeu até o início da juventude, entre 14 e 16 anos, foi um longo período de aceitação, de se entender e respeitar. Depois disso, mais uma jornada de aprender a ser, ou melhor dizendo, construir minha identidade a partir da ideia de ser um homem negro gay.

Mesmo ainda não sabendo o que isso significava na prática, mesmo que não tivesse dimensão sobre o que falavam da minha sexualidade, mesmo ainda não sabendo o que era sexo, sabia que aquilo que eu sentia era incomum e tinha medo de falar sobre isso com outras pessoas, pois a orientação cristão-protestante que orbitava a família exigia de todos os mais criava um ambiente de repressão e vigília constante.

Pensei em todas as vezes que meu avô me falava para não dançar “daquele jeito”, que meu pai me disse que “homem não chora”, que minha mãe falava sobre namorar meninas. Que meus amigos na rua me mostravam vídeos pornô heterossexuais.

O que ficou por muito tempo só comigo era a questão de como conseguiria esconder e matar esse monstro que a cada dia crescia mais alimentado pelo meu medo de expor. Pois a minha condição de “gay” não era apenas uma desejo sexual por outros meninos. Era minha performance, meu jeito de ser. Colocando-me por anos em um movimento quase de inércia.

No meio dessa confusão toda de assuntos não ditos, de fechar os olhos para não ver passar o tempo, de repressão, de confrontos, conformidades, minha avó-mãe, a Dona Nair, tentava filtrar toda essa dureza da vida com seu materno cuidado. Comprava materiais criativos, lápis de cor, livros de pintar, massinhas, me contava histórias e me fazia companhia. A Dona Nair e o mundo lúdico que ela me proporcionava me salvaram daquela angústia que sentia. Talvez só tenha seguido vivo, pois essa fortaleza me protegia.

Por volta dos 11 anos, voltei a morar com os meus pais. Não me lembro dos motivos que me fizeram ir, mas sei que foi assim. A saída da casa dos meus avós foi um rompimento muito difícil. Lá, eu era filho único, e, na casa dos meus pais, tive que aprender a dividir com a minha irmã. Além de tudo que acontecia internamente, precisava criar outras rotinas familiares. Reinventar modos.

O espectro da minha sexualidade bagunçou, ainda mais, a minha cabeça. Tive um início de juventude com muitas crises de depressão e ansiedade, que não eram compreendidas pela família, isso entre os 15 e 17 anos. Por muito tempo, esse período, me isolei do mundo. Em minha fortaleza de sonhos, ambições e aspirações, poucos amigos, e uma família que não compreendia minha existência.

Até chegar ao ensino médio e estar um pouco mais confortado com a situação toda, conheci uma galera “esquisita”, que tinha problemas e dilemas parecidos, que tinha sofrido coisas parecidas, onde a troca de experiência era respeitosa e paciente com os processos de cada um.

Tinha mudado de escola no primeiro ano do ensino médio. Amigos com histórias e crises parecidas. Nunca subestimei os encontros. Eles mudaram a minha vida e me ensinaram/ensinam a conviver e respeitar a diferença e me fortalecer na e pela comunidade afetiva, que criamos com aqueles que estão dispostos a nos aceitar. Foram grandes amigxs que conduziram esse processo de confiar mais em mim e experimentar outras coisas. Encorajamento a sair daquele longo inverno de tristeza. Um coletivo processo de cura.

Com isso, rompi o conforto dos muros da minha casa e me lancei em experiências com essa galera “esquisita”, que segue comigo até hoje. Por diversas vezes cruzamos o subúrbio carioca, indo de Nova Iguaçu até o centro da cidade, para a Lapa, zona Sul. Conheci a magia do Circo Voador<sup>7</sup>, que pra mim é um dos lugares mais afetivo da cidade. Andava pelas redondezas do bairro da Lapa, nas escadarias, em bares e em espaços culturais pela capital. Primeiros porres de cachaça, primeiro acesso às drogas, sexo, primeiro relacionamento gay. Namorei meninas e rapazes.

Meus pais, por mais que não entendessem muito bem o que eu queria ou seria, optaram por respeitar minhas particularidades. Ficaram de longe, tentando controlar como podiam. Mas sempre estiveram por aí, a qualquer hora, isso sempre tive em casa. Se tivesse

---

<sup>7</sup> Uma importante casa de show localizada no Bairro da Lapa no Rio de Janeiro.

com algum tipo de problema, sabia que podia contar com eles. E isso foi um facilitador nos meus processos de aprender e viver, novas relações dentro e fora de casa.

Mesmo ainda sendo jovem, gozando dos meus poucos e bem vividos 28 anos, já me sinto autorizado a falar que “no meu tempo”, chegar em casa pelas madrugadas no primeiro ônibus, foram sem dúvidas momentos de muitas alegrias e partilhas de vivências, coletivas e individuais, com xs amigxs que ainda se encontram aqui na memória, no afeto e na vida.

Com 18 anos, uma amiga do meu pai que tinha uma empresa de construção e conservação, me pediu ajuda para a digitação de alguns documentos para um contrato novo que tinha conseguido. A contratante era uma ONG e nesse processo tive que visitar a instituição algumas vezes para levar a documentação.

E foi assim que conheci a Casa do Menor São Miguel Arcanjo, uma ONG, em Nova Iguaçu, que oferece diversas atividades profissionalizantes, artísticas, culturais e de lazer para comunidade local. Lá, tive mais encontros que mudaram minha vida, e acumulei mais amigos para a vida toda. Encontros esses que fizeram expandir mais ainda minhas concepções de diversidade, pois a instituição recebe voluntários, principalmente, vindos da Europa com culturas e hábitos muitos diferentes.

Pouco tempo depois do primeiro contato, algo em torno de três meses, o gestor da instituição da época me convidou a trabalhar como educador social no Centro Cultural. Auxiliava o instrutor de grafite nas aulas de ética e cidadania. Depois que o projeto encerrou, me remanejou para trabalhar na área administrativa da sede da Casa do Menor como auxiliar.

Demonstrava meus interesses pela organização da arte, da cultura e seus desdobramentos. A Casa do Menor me encorajou a ser um jovem bem ativo, a circular pelas praças das cidades, projetos culturais e botecos que tinham outros jovens, que respiravam transgressão e questionavam as existências estabelecidas. Descobri o cineclubismo e pude compartilhar meus afetos cinematográficos. Toda essa mediação se deu pelo fato da instituição estimular seus atendidos e funcionários a se desenvolverem como cidadãos pensantes e ativos por mudanças sociais.

O padre Renato Chiera, diariamente na capela da sede administrativa ministrava uma reflexão sobre os atuais acontecimentos, por uma perspectiva religiosa. A capela é um lugar que reúne atendidos e colaboradores para participar das reflexões do fundador da Casa do Menor. Lá ouvia como aquele senhor encoraja os jovens a se descobrirem, a participarem das

decisões públicas e criarem. Dava oportunidade e responsabilidades. Para pessoas que eram iguais a mim, inseguras, marginalizadas e sem muita perspectiva de vida, conformada com a própria existência. A vivência na instituição abriu horizontes de sonhos. Pude vislumbrar novamente a magia de criar, propor e realizar. Sendo competências inibidas em uma adolescência conturbada.

Isso são fragmentos de tempos, repletos de intensidades e fluxos de construção e aprendizados. Na segunda parte da minha juventude, que segue a partir os 18 anos, eu já entendia o valor das amizades. Tive amigos que me curaram. Fiz as pazes como os meus demônios. Comecei a me aceitar e me reinventar, o que segue ainda em processo.

Logo depois de ter terminado o ensino médio, comecei a cursar a graduação de química em uma universidade particular perto da minha casa. Logo nos primeiros meses de aula já tinha entendido que aquele mundo não era para mim. Tranquei a graduação no final do período. Uns 6 meses depois, tentei a graduação em Administração, em uma outra universidade particular. Gostava mais, porém ainda não me sentia completo. Cursei 2 períodos do curso.

Em paralelo, fiz um curso de pré-vestibular comunitário, no total tinha que andar 13 km para ir e mais 13 km para voltar. Estudei o máximo que pude e consegui para passar no ENEM. Sabia que era importante e gostaria de cursar uma universidade pública, e fora do estado do Rio de Janeiro. E daí aconteceu.

Passei no vestibular (ENEM), aos 23 anos, para estudar Cultura – Antropologia, no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CECULT/UFRB). Mesmo sem ter dinheiro no bolso, chamei meus pais para conversar, eles toparam a aventura e me proporcionaram viver e estudar no recôncavo da Bahia, na cidade de Santo Amato.

Foi uma fase de grande importância na minha vida. Morei sozinho, porém, a maior parte do tempo de residência no estado, dividi casa com outros estudantes. Além do fator de estar longe da minha família, aprendi a me adaptar, respeitar os espaços, fazer minha opinião ser ouvida, propor soluções. Um intenso processo de amadurecimento tendo que reinventar meus hábitos familiares mais uma vez.

Sempre que pertinente repito que políticas públicas, mesmo que tortuosas, me levaram e me mantiveram estudando na universidade. Ingressei na UFRB, pouco tempo antes do golpe,

jurídico e midiático, que atacou os pilares da democracia brasileira com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Vivendo um período de grandes instabilidades, greves, ocupações, protestos e manifestações, foi pulsante minha atuação política-social-acadêmica no período da graduação.

Fui um dos privilegiados a ter integrado a primeira turma do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias aplicadas da UFRB, onde tive por quase todo período de formação beneficiário de auxílio moradia, bolsas de pesquisa e extensão. Dentre as experiências mais relevantes, posso citar minha primeira iniciação científica com bolsa, sendo quando incorporei mais uma dimensão à minha identidade: a de pesquisador, que publicou seu primeiro escrito científico.

Ainda lá, produzi e participei de projetos de extensão como o Clube da Radiola, em que fui bolsista, do Cine Clube Guido Araújo, do I Encontro de Música Urbana no Recôncavo da Bahia, o “Musicalidade Baiana”, evento esse que idealizei e coordenei sendo apoiada por um edital da Pró-Reitoria de Extensão da UFRB e em duas edições, 2015 e 2017, da Mostra Internacional de Arte Eletrônica: o “Paisagem Sonora”.

Vale ressaltar, também, o empenho e atenção que os professores do CECULT disponibilizaram em minha caminhada de formação e emancipação profissional e artística. O Bacharelado em Cultura foi tão generoso comigo, que me deu a oportunidade de acreditar em mim e nas minhas potencialidades como artista.

E, logo depois de terminar a graduação, no ano seguinte, 2018, ingressei na Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (LACE/IFRJ), do campus de Nilópolis. Hoje, apresento esse trabalho de conclusão de curso, para obter o meu título de especialista.

Minha caminhada, tanto acadêmica como profissional, se deu pela urgência da diversidade e do imprevisto. Atualmente, fundei e gerencio o Ateliê Suburbano, que é um espaço de co-criação artística e produção cultural atuante na Baixada Fluminense com sede em Belford Roxo. E me preparo para ser tio-padrinho de uma criança, que nasce até o final de março de 2020. Um menino, o Miguel!

E se fosse só isso, já seria satisfatório, mas a inquietude da minha alma, ainda me coloca em movimento. Desenvolvo produção cultural local, participo de encontros políticos

militando em prol dos direitos de crianças, adolescentes e jovens negros e pautas LGBTQ+, denunciando o genocídio da juventude negra e periférica.

Com ambições possíveis me coloco em posição de provocação. Uso o meu corpo e minha presença como forma política, com o intuito de flexibilizar os espaços e instituições ainda aristocratas e preconceituosas que ocupo, a exemplo das universidades públicas. Grito junto com aqueles que anseiam por revolução, pela paz nos subúrbios, periferias e favelas.

Nossa história de vida diz muito do que somos enquanto sujeitos. Nesse breve relato, me coloquei a prova exercitei espelhar o futuro nas experiências do passado. Sou um “nego fugido” que bebeu da água do Recôncavo da Bahia, e agora surfa pelos asfaltos fluminenses.

### 3.2. Uma autonarrativa sobre Edgar

Sou o primogênito de dois filhos. Não me relaciono com a minha mãe desde o dia 15 de maio de 1996. Ela decidiu ceder a guarda dos filhos para o meu pai, que é deficiente visual (baixa visão) e, durante muitos anos da minha infância, teve que vender doces no trem e refrigerantes e cervejas na praia no verão. Sou de São João de Meriti e morador de Nova Iguaçu desde 1996. Minha casa fica localizada no bairro do Ambaí, entre duas comunidades dominadas pelo tráfico, a comunidade do Morro da Bacia e a do Buraco do Bói. Sou negro, de periferia, de identidade altruísta e transgressora. Atualmente, moro sozinho, não tenho filho e a minha renda é o suficiente para me manter em um estilo de vida mais simples. Quando acabar de pagar as dívidas do divórcio, estarei mais tranquilo financeiramente. Nem sempre falta grana no final do mês. Possuo um estilo de vida mais simplório. Nasci em 06 de novembro de 1988.

Sou de família com base no Cristianismo Protestante e muitas das minhas visões de mundo permeiam os ensinamentos e doutrinamentos desta formação pessoal. Ou seja, somos pobres, socialmente identificados como Cristãos e culturalmente influenciados pelo cotidiano destas práticas religiosas e das demais práticas do território, tais como: final de tarde no portão para conversar e ver as pessoas passando na rua, olhar as crianças brincando e sem a motivação para conhecer outros territórios. Os jovens estão nos bares e bailes funks e o som alto predomina como hobby local. São esses os fatores e vivências que incentivam a minha vontade de buscar o novo através da educação. Desde pequeno, fui orientado pelo meu progenitor a me dedicar aos estudos porque somente com a educação poderíamos mudar o histórico de miserabilidade que predominava em nossa família. Traços dessa fala são meus combustíveis até hoje.

Fui alfabetizado aos nove anos e, para incentivar em nossa educação, meu pai diariamente solicitava o meu caderno e o do meu irmão para ver se estávamos fazendo a tarefa de casa. No fundo, sabíamos que ele não enxergava, mas essa atitude nos estimulava a fazer as tarefas com primor e cuidar com muito zelo todo o material didático que tínhamos. Nada de “orelha” nas folhas de caderno.

Sempre tive muita dificuldade de falar sobre mim e sobre como percebia a ausência da minha mãe, me sentia deslocado porque a minha família não era a família tradicional brasileira faltava uma mãe. Meu pai era o único homem nas reuniões de responsáveis na escola e ele fazia questão de ir em todas.

Naquela época, uma mulher deixar os filhos com o pai era transgressor e não sei como minha mãe conseguiu suportar a pressão social da época. Mas, enfim, diante deste cenário, meu pai percebia que eu não falava e me orientou a escrever tudo o que eu sentia. E durante muitos anos essa foi a minha única terapia e isso me manteve vivo. Depois, a religião e em seguida o casamento.

O término recente de um relacionamento de 12 anos, quase 13, me proporcionou vivenciar novas dores do passado e, atualmente, estou aprendendo com essas minhas vivências, que estão influenciando meu comportamento na vida pessoal, profissional e acadêmica.

Na Casa do Menor fiz os cursos de elétrica predial, mecânica de auto, serralheria, jovem aprendiz e pré-vestibular social. Em seguida ganhei uma bolsa de 100% pelo PROUNI para RH e Psicologia. Mas, optei pelo RH, porque Psicologia era no turno da manhã e teria que sair do trabalho. Tive a oportunidade de ser jovem aprendiz e vivenciar a rotina de trabalho de diversos departamentos na Casa do Menor, tais como: financeiro, secretaria dos cursos, banda e rádio; participei de diversos projetos pedagógicos e um dos momentos mais importantes foi a viagem para Aracaju.

Dentro da Casa do Menor fui um adolescente perdido, me tornei um jovem alegre, esperto, que soube aproveitar as oportunidades que surgiram e que não se arrepende da própria trajetória dentro da Instituição porque foi marcada por muitas conquistas profissionais e por momentos de superação.

É difícil responder quais foram os trabalhos que realizei que mais gostei, porque toda a rotina de trabalho é especial. Considero que, por detrás de cada processo burocrático, existe um ideal e um objetivo a ser alcançado, que é a mudança de vida das pessoas que atendemos. Mas, os seminários, as feiras pedagógicas, as formaturas, os eventos de lançamento do livro do fundador, o trabalho de assessoria de imprensa... Esses trabalhos me marcam positivamente por refletirem, e muito, o meu processo de amadurecimento profissional.

Atualmente, me considero uma pessoa mais organizada, mais segura do trabalho que executo e do meu papel dentro da Instituição. Como coordenador possuo um perfil mais proativo, às vezes centralizador, mas disposto a ouvir o time e colher deles sugestões. Minha gestão é mais passiva com os membros da equipe e mais agressiva com os meus superiores. Busco o equilíbrio e o desapego para não me perder entre o Edgar pessoa e o Edgar profissional. Tendo em vista que hoje não sou mais um adolescente perdido, sou um adulto formado e qualificado para exercer o cargo que exerço e preciso ser respeitado e reconhecido por isso.

A Casa do Menor me possibilitou aprender mais sobre as relações humanas, sobre os papéis que exercemos na sociedade, sobre garantia de direitos, sobre a importância de ter mais espaços como a Casa do Menor, que possibilite que os mais vulneráveis tenham a chance de tentar mudar de vida através da educação, arte, cultura, esporte e lazer.

Aprendi que somos território de resistência em uma sociedade que condena o preto, o pobre e o favelado. Nossa Instituição surgiu com a morte de um jovem negro, de origem popular e sobrevive há 33 anos para que outros jovens não morram assassinados da mesma maneira. Se antes eu pensava em mudar o mundo, depois da Casa do Menor eu vejo a possibilidade de concretizar isso a partir do meu local de atuação.

É um desafio diário, mas é gratificante perceber a minha trajetória se repetindo na vida de outros atendidos, mostrando que a metodologia funciona e que ninguém é irrecuperável. O ser humano é movido pelo combustível amor, e se ele não é amado, ele não ama. E aprendemos, na Casa do Menor, que a maior violência não é ser pobre, mas não ser amado. Não se sentir amado anula nas pessoas até as possibilidades de sonhar. E aqui, diariamente, buscamos ser um ambiente fértil para que cada um possa emergir como protagonista, sendo destaque positivo de sua própria história.

A estratificação social, as ideologias de gênero (ou o próprio papel da mulher na sociedade), as teorias de raças e os conceitos de religião segregam e matam muitas pessoas. Seja por fome, pela violência doméstica, pelo assassinato de negros, que matam outros negros nos bairros mais periféricos, seja pela religiosidade que anula o deus do outro para provar que somente um deus é o verdadeiro... existe um caos social movido por esses fatores e que não estamos conseguindo sanar em políticas públicas. Mas, perseveramos nos espaços de formação humana, nos serviços de convivência e fortalecimento de vínculos comunitários e familiares. Existe um eco que é replicado diariamente sem que aja questionamento ou indagações sobre o que se diz. Simplesmente, agimos ou falamos. Ter um tempo para pensar sobre esses temas é necessário e fundamental para que eu possa me fortalecer como cidadão e educador para tratar dessas temáticas com mais afinco ilustrando as minhas próprias vivências.

Com a vivência e experiência na Casa do Menor passo a ter a percepção do mundo de trabalho de modo mais ampliado. Acredito que existem outras maneiras de conseguir renda e que os nossos atendidos precisam saber. Tivemos a experiência de algumas palestras sobre economia criativa e empreendedorismo, por exemplo. E, acredito que essas temáticas precisam ser tratadas com mais frequências. A lei da aprendizagem é uma política pública para a juventude que precisamos fortalecer no município de Nova Iguaçu. Atualmente, sou

membro do Conselho Municipal da Assistência Social e estou dialogando com a promotora da vara da infância de Nova Iguaçu para tratar dessa temática para atender o público de adolescentes em medida protetiva e socioeducativa de semiliberdade.

Acredito que todos nós buscamos a felicidade e pouco se fala de como alcançá-la. Sinto que estar, na Casa do Menor, é um sonho realizado. Aqui eu sou feliz. Fazer mestrado, doutorado, viajar para outro Estado e país. Fazer a faculdade de Letras (hobby). Ter uma boa casa para morar, comprar um carro. Por enquanto, estas são as minhas metas. Com o tempo, percebi que alguns sonhos são realizados e outros não. Mas que o legal da vida é a prática do tentar, de viver em prol de um alvo... A trajetória é mais importante que o ponto de chegada. Por isso, estou sempre AVANTE!

### 3.3. Uma autonarrativa sobre Mário

Filho da minha mãe e da minha avó materna, pois nunca tive um pai muito presente. Nasci no dia 26 de julho de 1994, no Hospital da Posse, em Nova Iguaçu, com quase 4Kg e quase morto, conta minha mãe. Minha mãe conta que tive meu parto difícil e por isso ela teve muita dificuldade na hora do meu nascimento.

Depois que nasci, sempre morei com minha mãe Andréia, o melhor ser humano do mundo, minha avó Elza, que sempre me defendeu de apanhar da minha mãe quando aprontava, e meu avô Sebastião, que era com quem eu passava a maior parte do tempo, minha mãe e minha avó trabalhavam e ele, como já estava aposentado, era quem ficava comigo depois que eu fiz uns quatro anos, porque antes de ter essa idade eu ficava com minha tia Zenaide, que é a irmã do meu pai.

Quando eu fiz quatro anos eu fui para minha primeira escola, Moranguinho Feliz, lá tinha a tia Izabel, a melhor professora de todas. Na páscoa, ela sempre fazia ovos de chocolate para todos, mas o meu era diferente, chocolate branco crocante, que era o meu preferido; ainda hoje tenho contato com ela, pois ela mora próximo da minha casa e tem muito orgulho do ser humano que me tornei.

Quando fiz sete anos foi estudar no CIEP 334. Mano! Lá eu quebrava tudo, porque assim que eu cheguei, implicavam muito comigo, gordinho, cara de nerd, ainda tinha vindo de um colégio com o nome de Moranguinho Feliz, tava pedindo pra ser zoado. Hoje em dia essa zuação é tratada como *bullying*. Nessa época eu descobri que sabia me defender, e quando vinham me zoar o “pau comia”, e foi assim durante dois anos quando eu tava pra ir para a terceira seria minha mãe teve que me trocar de escola, porque eu brigava todo dia e estava prestes a ser expulso. Mas antes de sair de lá eu dei meu primeiro beijo na boca e fiquei desesperado achando que tinha engravidado a garota.

Quando eu fiz nove anos foi um ano mais complicado, pois perdi meu avô, que era a pessoa com quem eu mais convivia e foi um momento complicado da minha vida. Tive que aprender a me virar, minha mãe saía para trabalhar na madrugada e quando minha avó ia trabalhar, eu ia junto com ela para o colégio. Mas graças a Deus passou, nesse mesmo ano eu fui encaminhado para o psicólogo, pois agredi a minha professora, dona Odaiza. Apesar de tudo que eu fiz nesse colégio, eu ainda era um bom aluno e de lá só tenho boas recordações.

Quando fiz dez anos me lembro de uma festa de Natal, que estava tendo na casa do meu pai. Ele me convidou para ir e, nessa festa, eu me desentendi com o filho da esposa dele. Ele me colocou de castigo e eu fiquei muito chateado. Fui pra casa chorando. Quando eu cheguei, minha mãe perguntou o que havia acontecido e eu, aos prantos, falei logo. Minha mãe saiu como uma leoa e foi na casa dele, no meio da festa, e fez aquele barraco. Não lembro bem tudo o que ela falou, mas uma frase eu gravei “não precisa considerar ele seu filho”.

Assim meu pai fez, esqueceu que eu existia por uns seis meses e, depois disso, veio até minha casa, pediu para conversar com minha mãe, e eu e minha avó participamos da conversa. Mais uma vez eu não me lembro da conversa toda, só do final: “eu não nasci para ser pai”. Fiquei em prantos outra vez e minha avó o colocou ele para fora com uma enxada na mão. Foram mais quatro anos sem aquilo que eu nunca tive antes, um pai, até que ele veio falar comigo e me pediu desculpas e voltamos a nos falar. Um pouco depois, abriu uma pizzaria e eu comecei trabalhar junto com ele e sua esposa, e, então, depois de um tempo, minha mãe viu que eu gostava de fazer isso e disse que eu tinha que fazer um curso, porque já estava ficando velho e não tinha curso nenhum. E então ela me colocou no curso de panificação na Casa do Menor.

Minha historia com a panificação não poderia ter sido melhor. Descobri ali uma paixão. Eu amava estar ali fazendo aquele curso, não só pelo curso, mas também pelo local, a Casa do Menor São Miguel Arcanjo.

Foi na Casa do Menor que eu descobri também o valor do trabalho. Meu professor me ofereceu duas vagas de trabalho, uma em uma rede de supermercado e a outra em uma padaria em Vila de Cava, que é um bairro próximo da CDM. Só não quis ficar em nenhuma das vagas por conta do meu colégio. Eu tava com 15 anos e não tinha tanta necessidade de trabalhar. E para trabalhar em um desses lugares eu teria que abrir mão do colégio e esse não era meu objetivo. Só que mais uma vez meu professor me deu uma oportunidade, afinal eu era um bom aluno, me disse para ir até a coordenação e perguntar se não tinha nenhuma vaga de jovem aprendiz. Lembro que quando cheguei à coordenação a coordenadora estava de saída, eu a parei e perguntei pela vaga, ela entrou na sala pegou uma folha com endereço, os documentos que eu tinha que levar e me disse “amanhã nesse endereço, com esses documentos nesse horário”.

Aquele dia eu saí da Casa do Menor mais independente que qualquer outro dia da minha vida. Liguei para minha mãe, que estava no trabalho, perguntando pelos meus documentos, que eu ia trabalhar (tenho certeza que naquela hora minha mãe estava cheia de orgulho), e no dia seguinte estava lá na empresa com tudo certo e graças à indicação e à orientação que a instituição me deu eu consegui a vaga na empresa e, aos 15 anos, eu tinha minha carteira de trabalho assinada.

Daí pra frente foram dois contratos como Jovem Aprendiz de assistente administrativo. Nos primeiros seis meses eu ficava ajudando o professor de panificação a dar aula. Pra mim aquilo era maravilhoso quando o semestre de aula acabou, não tinha alunos. Então me pediram para ajudar na secretaria e aí pronto, nunca mais sai, ficava na coordenação, na secretaria e ajudando a dar aula.

O tempo foi passando, eu estava para terminar meu contrato como jovem aprendiz e para terminar o ensino médio e não sabia o que fazer da vida, pois gostava muito de cozinhar e gostava também da área administrativa quando meu contrato estava quase no fim, a Casa do Menor estava inaugurando o curso de gastronomia. Resolvi me matricular para saber o que de fato eu mais gostava. Fiz todo o curso e me formei só que quando meu contrato acabou, que foi quase junto com o curso, a empresa me efetivou e aí eu, claro, foi trabalhar; fiquei mais quatro meses dentro da empresa, só que com muita vontade de ir para dentro da cozinha. Até que um dia meu pai me perguntou se eu não conhecia ninguém para ocupar uma vaga de auxiliar de cozinha. Não pensei duas vezes em dizer que a vaga já era minha.

No dia seguinte, cheguei na empresa, pedi demissão e fui me jogar na cozinha. Só que nessa empresa só fiquei por 15 dias, pois era uma realidade totalmente diferente daquilo que eu imaginava. Fiquei por volta de seis meses desempregado, até que resolvi começar uma faculdade de Gastronomia. Só que para isso eu precisava do apoio dos meus pais para me ajudar com o pagamento e, claro, eu também tinha que trabalhar para me manter. Minha avó pegou um empréstimo no banco, deu o dinheiro todo na minha mão e me disse que era comigo: eu dava entrada em um carro (que era uma das coisas que eu mais queria) ou começava a faculdade optei pela graduação (2013), pois sabia que ali era meu futuro (comecei a faculdade em 2013 e terminei em 2015), uma semana após o início da faculdade comecei a trabalhar em um restaurante, e nunca mais parei. Trabalhei em vários tipos de restaurante desde cozinha industrial ao food truck. Tive vários cargos desde auxiliar de cozinha a chef de cozinha. Desde quando entrei na faculdade, tive o desejo de dar aula e sempre quis dar aula na

Casa do Menor, pois foi lá que tive as melhores experiências como aluno e como jovem aprendiz. Então eu sempre quis voltar para aquela atmosfera. Demorou um pouco...

Sempre fui católico, muito ativo nas atividades do grupo jovem, e lá um amigo me abordou e me disse que tinha uma amiga que estava fazendo gastronomia e precisava de um estágio, e como eu já tinha terminado a faculdade e já tinha bons contatos dentro da área, pedi o contato dela para que eu indicasse para alguns lugares para trabalhar e ele não quis me dar, mas deu meu número para ela. Um dia sem que eu nem esperasse, ela me mandou mensagem e começamos a conversar, até que um dia ela me chamou para ir a um show com ela. Então eu fui para esse show com a pior das intenções, a meta naquele dia era ficar com essa garota que eu já conversava por mensagem há quase três meses. Fiquei com ela e naquele dia eu descobrir que tinha encontrado a mulher da minha vida, foram mais 03 meses nos conhecendo até o namoro e hoje já temos dois anos e meio juntos. Já somos noivos, e a única certeza que tenho é que ela é a pessoa certa para mim, é a pessoa que me faz bem, que é minha companheira para todas as horas, a futura mãe dos meus filhos.

Lembra que antes eu falava da minha vontade de dar aula? Aconteceu, 12 de fevereiro de 2017, por voltas das 16h40min, estava no vestiário do restaurante que trabalhava, meu telefone tocou e para minha surpresa era o coordenador dos cursos profissionalizantes da Casa do Menor do outro lado da linha, me fazendo algumas perguntas e me convidando para dar aula de gastronomia na instituição. Óbvio que aceitei. Logo depois do meu sim, ele disse “é pra começar amanhã, você topa?”. Pensei por uns cinco segundos e respondi “topo” e hoje já vai para três anos que estou de volta à Casa do Menor, o local que de certa forma me formou para a vida, tenho minhas turmas jovens que não querem mais sair de lá. É isso que me faz muito feliz, pois sei que estou de certa forma fazendo o mesmo bem que me fizeram lá em 2009, quando eu era aluno. Hoje eu encaminho jovens para o mundo do trabalho, algo que, para mim, é muito gratificante, pois estou retribuindo com muito amor e carinho todo que recebi.

Hoje, através dessa escrita, vejo a importância das pessoas que me fizeram bem. Por essas eu só tenho gratidão e carinho. E as que me fizeram mal, com essas aprendi o que eu não deveria me tornar. Os lugares por onde passei foram muitos, uns por um período de tempo muito curto, por outros, mais longos, mas o importante foi ter passado, pois aprendi um pouco em cada um.

Atualmente sei que não devo ter vergonha do meu passado, por que sei que meu presente é o que é por conta do passado que tive. Hoje, trabalho com aquilo que escolhi para

mim, além de dar aula, trabalho por conta própria junto da minha mãe e minha noiva fazendo bolos, doces, salgados e tudo para festa. Pretendo me casar ano que vem, ter dois filhos daqui uns três anos, comprar um carro, porque ainda não tenho, dar uma casa própria para minha mãe e ter uma casa de praia. Mas se eu não conseguir nenhum desses bens materiais eu vou estar feliz igual porque vou esta com minha família e toda minha felicidade esta nela.

Obrigado pela oportunidade de me fazer rir, chorar, me animar, enfim, ter um mix de emoção durante essa escrita, que em minha opinião todos deveriam fazer porque é muito bom refletir sobre a vida que você levou, a vida que está levando e qual a vida que pretende levar.

### 3.4. Fluxos Narrativos e Identitários

Fluxos é um termo que já se tornou transdisciplinar, um modo de fazer referência a coisas que não permanecem no seu lugar, a mobilidades e expansões variadas, à globalização em muitas dimensões. Scott Lash e John Urry (1994, p. 12) afirmam que “as sociedades deste final de século se caracterizam por fluxos de capital, trabalho, mercadorias, informações e imagens”.

Indico dois problemas implicados na noção de fluxo. Um é em relação à dimensão espacial. Um aspecto fundamental dos fluxos é que eles têm direções. No caso dos fluxos de culturas, é certo que o que se ganha num lugar não necessariamente se perde na origem. Mas há uma reorganização da cultura no espaço.

Percebo que já há algum tempo as imagens de centros dominantes e periferias influenciadas já despertam poucas simpatias entre os estudos culturais. De maneira que compreendo que não há mais a possibilidade de desconsiderar a contribuição política, social, estética e econômica, que países como Brasil e China, por exemplo, que são gigantescas nações, vem ganhando grande ascensão econômica nos últimos anos, influenciando diretamente a economia mundial.

Quanto ao outro tipo de questões relativas aos fluxos, gostaria de voltar ao tema do tempo. Desde que comecei a refletir aqui sobre construção de identidades, ocorreu-me, à medida que examinava questões relacionadas a sociedade, educação e culturas, que esse termo funcionava bem como metáfora geradora, no sentido de suscitar desdobramentos e marcos nas histórias de vida. Não se trata apenas de que a ideia de fluxo se opõe ao pensamento estático; ela sugere, especialmente, a possibilidade de pensar tanto no processo de formação, quanto nas interseções das narrativas.

Se para certos fins parece válido pensar a cultura como fluxo, não é preciso acreditar que ela seja uma substância que se possa colocar dentro de garrafas. Mas talvez haja um outro risco, mais verdadeiro, no imaginário do fluxo que devemos identificar prontamente. Alguns analistas alegaram que a metáfora faz com que os processos culturais pareçam fáceis demais, tranquilos demais. Certamente não se deve interpretá-la como uma questão de simples transposição, simples transmissão de formas tangíveis carregadas de significados intrínsecos. Ela deve ser vista como originando uma série infinita de deslocamentos no tempo, às vezes alterando também o espaço, entre formas externas acessíveis aos sentidos, interpretações e, então, formas externas novamente; uma seqüência ininterrupta carregada de

incertezas, que dá margem a erros de compreensão e perdas, tanto quanto a inovações. O que a metáfora do fluxo nos propõe é a tarefa de problematizar a cultura em termos processuais, não a permissão para desproblematizá-la, abstraindo suas complicações (HANNERZ, 1997, 15).

Pensar as narrativas, a partir dessa ideia de fluxos, me interesse à medida que posso afirmar a indicação de continuidade nas histórias de vida, indicando que as narrativas expostas nesse trabalho já se encontram obsoleta. Pois as representações sobre si vão se modificando, diariamente e a medida que vamos nos apropriando de nossa história vida, conseguimos ressignificá-la, de modo que um trauma do passado pode vir a ser uma história de superação no presente. Assim, me interessa mais o processo de criação e o diálogo, do que as narrativas propriamente ditas. O rigor exigido na elaboração dos textos, na verdade foi um exercício de livre escrita sobre si.

Analisando as narrativas fico intrigado, como é pouco explorada a dimensão dos territórios nos escritos. A localidade é citada apenas de modo que localize o leitor onde se passam as histórias, porém, não se aprofunda como esses lugares interagem com as histórias de vida. Penso que seja pela razão que incorporamos tanto o território em nossa vivência que não nos damos conta de citar suas cores, cheiros, formas e estéticas.

Outro ponto também que justifica a ausência de um aprofundamento nas questões acerca da localidade se configura pelo estigma que a Baixada Fluminense carrega de ser um território violento, cidades com infra-estruturar e serviços precários ou inexistentes e pouca disposição do poder público no cuidado desses problemas. Não falar sobre seria uma forma de sublimar essa dimensão em nossa identidade. Contudo isso não quer dizer que não apareça no texto esse tipo de caso.

Os participantes, ao citarem suas experiências de primeiro emprego, desde muito jovem, acreditam que viveram um privilégio, porque são território com um índice de desemprego 11,11% segundo “O Painel Regional” do Observatório SEBRAE/RJ (2016).

As citações sobre violência na escola também são compartilhadas. Por mais que tenha havido casos de professores bem engajados, de maneira geral, os relatos sobre a educação básica foram tímidos, de maneira que também foi pouco explorado. Sobre esse assunto Becker e Kassouf (2016), comentam:

A violência na escola constitui-se em um grande problema social e pode ser vista como um comportamento agressivo que abrange os conflitos interpessoais, os danos

ao patrimônio e os atos criminosos, podendo ter consequências negativas sobre os resultados escolares dos alunos. Utilizando dados de escolas nos Estados Unidos, Grogger (1997) mostrou que a violência reduz a probabilidade de um aluno concluir o ensino médio em 5,1% (high school graduation) e diminui em 6,9% a probabilidade de o aluno ingressar na faculdade. Com dados das escolas no Brasil, Sevenini e Firpo (2009) observaram que a ocorrência de um evento violento adicional em uma dada escola reduz aproximadamente 0,47% a proficiência do aluno (BECKER; KASSOUF, 2016, p. 654).

Diante disso, a escola tem papel fundamental na assimilação dos alunos com tendência a apresentar comportamento violento, já que é nesse ambiente que a criança provavelmente manifesta tal comportamento. Conforme Jacob e Lefgren (2003), a escola pode ainda prevenir a agressividade dos alunos por meio do ensino e do monitoramento. Acredito, também, que os que usam e abusam da violência nas escolas ficam tachados com sujeitos de má índole. Sendo assim, é natural que uma vez superada essa fase da vida, a gente exerça o posicionamento em omitir essas passagens.

No que tange à dimensão da religiosidade, todos os participantes citaram que sofreram influência de religiões de orientação cristã. De modo que, a religião é imposta, quase que compulsoriamente na vida dos participantes. Onde em nenhuma narrativa eles mostram devoção a nenhuma orientação religiosa. Arrisco afirmar, que as religiões, e as igrejas, aparecem nas histórias de vida, mais como lugares de sociabilização, do que, como um ambiente sagrado.

Outra unanimidade relatada nas narrativas foi à questão da formação acadêmica como forma de virar um cidadão, ou seja, ser alguém na vida para os participantes da pesquisa, prioritariamente, é ter uma formação superior. Um dado importante, para reafirmar a potência da juventude negra periférica que em meio a uma conjuntura, em geral os jovens negros e pobres, sofremos com o estigma, criado e mantido pela mídia racista que insiste em dizer que somos perigosos e precisamos ser combatidos, gerando em nós inseguranças e muitas questões de mobilidade, que certamente dificulta nossos trânsitos sociais.

Acredito que dessa maneira, além da graduação dar uma profissionalização real para o sujeito, sobre tudo para nós, que precisamos ser legitimados por instituições para sermos melhores aceitos em sociedade, por conta dos padrões hegemônicos que condenam nossa cor, nossos corpos, estéticas, produções artísticas, culturais e acadêmicas. Assim, entendo que o

consenso da universidade como uma instituição legitimadora venha do imaginário aristocrata que por muito tempo existiu para aqueles que podiam pagar uma formação acadêmica.

A Casa do Menor foi principal ponto de encontro dos personagens dessa pesquisa, e isso de maneira geral influenciou a escrita sobre a instituição, pois os personagens demonstraram uma dimensão afetiva sobre as experiências advindas da relação com ONG, sem problematizar muito os pontos ou descrever possíveis conflitos. Acredito que esse posicionamento venha a ser por um sentimento de gratidão à instituição, principalmente, por que foi esse espaço que proporcionou a oportunidade do primeiro reconhecimento profissional, além da própria metodologia da instituição que propicia o desenvolvimento pessoal e o acolhimento dos excluídos da sociedade, como é o caso das crianças moradoras de rua.

Essa análise cumpre o papel de pensar que mesmo que as narrativas sejam exclusivas e todas as autobiografias são compostas por histórias únicas e reais, a mediação do ecossistema sociocultural proporciona que as experiências nos aproximem. Estabelecendo uma relação horizontal entre o pesquisador e os pesquisados. Sendo o primeiro, mais um personagem que media o diálogo, do que um especialista com a autoridade de falar sobre.

Acredita-se que, de maneira geral, a juventude da Baixada Fluminense compartilha um imaginário comum de experiências. Contudo isso não muda a importância das narrativas de seus habitantes. Destacam-se, aqui, existências de indivíduos que conseguiram desenvolver trajetórias de intenso trânsito social, a partir de um exercício de recordação e sistematização das histórias de vida, marcadas pela urgência de viverem, gerar em encontros e em estabelecer em relações sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse trabalho acontece pela inquietação do pesquisador em querer entender melhor como se dão os processos de construção da identidade. Refletindo a partir das dimensões culturais, sociais e econômicas.

E mesmo depois do projeto de pesquisa pronto, não se tinha muito bem definido como seria operacionalizar a pesquisa em campo foi um processo também de aprender a fazer, fazendo. E sem muitas pretensões, vale comentar que o texto traz uma ampla discussão sobre a importância das narrativas exclusivas.

Por mais que teorias e conceitos das ciências sociais e humanas insistam em ver os indivíduos organizados por grupos identitários e, conseqüentemente, determinar, reformular e definir estereótipos, a partir de uma metodologia que estimula a produção da narrativa exclusiva podemos falar do indivíduo por meio de suas próprias palavras. Acredito que dessa forma teremos relações horizontais, aproximaremos mais objeto e pesquisador e especialmente gerarem empatia e engajamento.

O ensinamento que fica mais latente é a percepção que, em nossos processos de ser e existir, se pode migrar entre isso e aquilo. É a certeza que não somos um alguém fixo e refém do próprio destino. Muito pelo contrário, o processo de percepção e construção da identidade é dinâmico e influenciado por dimensões externas e internas.

E mesmo que a família, o território, a raça, a sexualidade, o gênero e a classe sejam estruturas que não controlamos e direcionam muito das nossas experiências e vivências, ainda assim, nossa história não esta pronta. Ela vai se construindo à medida que vamos tomando consciência disso, nos tornando, também, indivíduos dotados de personalidades que não cabem apenas em caixas e estereótipos pré-estabelecidas.

E, desse modo, a exclusividade e individualidade, que tanto buscamos em nossas vidas, estariam mais relacionadas a como nos relacionamos socialmente, quais seriam nossos interesses, por onde andamos, o que aprendemos e quem conhecemos, as coisas que assistimos, as músicas que ouvimos, os conhecimentos que acumulamos e sabores que experimentamos. Em linhas mais gerais, pode até fazer sentindo para interesses sociais pensar o sujeito dentro de grupos identitários, contudo não podemos perder de vista a qualidade de se conhecer uma pessoa a fundo. Seria então um processo de estabelecer uma escuta sensível e atenta às particularidades do outro e só assim entender seus próprios potenciais e limitações.

A Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Nilópolis, é um curso que me ajudou muito a qualificar minha produção acadêmica, principalmente, por conta de sua proposta interdisciplinar, dimensão fundamental para a realização dessa pesquisa, visto que, falar sobre construção de identidade é um grande desafio por conta dos diversos atravessamentos que regem nossos processos de descobertas e aprendizados.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Espaços de juventude. *In: Políticas Públicas: juventude em pauta*. FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. (org.). São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003. P. 219-228.

BAUMAM, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução: Marcus Panchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro : J. Zahar, 2005.

BECKER, K. L.; KASSOUF A. L. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. **Observatório da Educação CAPES/INEP**. 2016.

BELISÁRIO, Adriano (org.). **Tecnomagia**. Rio de Janeiro: Imotirô, 2014.

BOURDIEU, Pierre. et al. **A Miséria do Mundo**. Tradução: Matheus S. S. Azevedo. et al. São Paulo: Câmara brasileira do livro, 1997.

\_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2 ed.. São Paulo: Zouk, 1979.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.

CARLINI-MALATT, Beatriz. Drogas e jovens: abordagens contemporâneas. *In: Políticas Públicas: juventude em pauta*. FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. (org.). São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003. P. 191-202.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CHIERA, Renato. **Filhos do Brasil: um caminho de solidariedade na Baixada Fluminense**. Tradução: Comercindo Dalla Costa. São Paulo: Cidade Nova, 1996.

\_\_\_\_\_. **Presença: contribuições para uma educação de inclusão**. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2008.

\_\_\_\_\_. **Presença no Inferno: nas “cracolândias” do Rio de Janeiro**. 3. Ed. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2017.

COSTA, Sandra Regina da. O que é ser “novo” na Baixada Fluminense: notas sobre representações da juventude entre as camadas populares. *In: Juventude contemporânea: cultura, gostos e carreira*. VELHO, G.; DUARTE, L. F. D. (org.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. P. 44-60.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira**. *In: Relativizando*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 58 a 85.

DAYRELL, Juarez. Escola e culturas juvenis. *In: Políticas Públicas: juventude em pauta.* FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. (org.). São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003. P. 173-189.

ENNE, A. L. S. **MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL.** INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: Campo Grande – MS, 2001.

FONTES, Ivonise. **A descoberta de si mesmo: na visão da psicanálise do sensível.** São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. Política, isolamento e solidão: práticas sociais na produção da violência contra jovens. *In: Política social, família e juventude: uma questão de direitos.* LEAL, M. C.; MATOS, M. C.; SALES, M. A. (org.). 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 81-103.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; PIERRO, Maria Clara di. **Preconceito contra analfabeto.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323 p.

GOFFMAN, Erving. Estigma. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** RJ, Guanabara, 1988.

GOMES, Nilma Lino. Escola e Diversidade Étnico-Racial: um diálogo possível. *In: Múltiplos olhares sobre educação e cultura.* DAYRELL, Juarez (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 85-91.

GROSGOUEL, Ramón. “**Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais:** Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 115-147. <https://journals.openedition.org/rccs/697>

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** Minas Gerais: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade.** São Paulo: Lamparina, 2006.

HERSCHMANN, Micael. Articulações entre o campo da política, da cultura e da comunicação. *In: Políticas Públicas: juventude em pauta.* FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. (org.). São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003. P. 143-151.

JOSSO, M. C. **Experiência de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LEITE, Elenice Moreira. Juventude e Trabalho: criando chances, construindo cidadania. *In: Políticas Públicas: juventude em pauta.* FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. (org.). São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003. P. 153-171.

- MACEDO, L.; PETTY, A.L.S.; PASSOS, N.C. **Aprender com Jogos e Situações Problema**. Porto Alegre. Artmed, 2000.
- MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. (trad. Anísio Teixeira e Leônidas Gontijo de Carvalho). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- MUSICAL, D. C.; MARCOLINO-GALI, J. F. Vulnerabilidade e risco: apontamentos teóricos e aplicabilidade na Política Nacional de Assistência Social. **O Social em Questão**. 2019.
- NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio. (Orgs.) (1998). Pierre Bourdieu. *Escritos em Educação*. Petrópolis: Vozes.
- NOVAES, Regina. Juventude, Exclusão e Inclusão Social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: **Políticas Públicas: juventude em pauta**. FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. (org.). São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003. P. 121-141.
- POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e sociedade**. NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (org.). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. P. 216-241.
- Relatório Técnico. BRASIL PRÓXIMO. **Mapeamento dos grupos criativos da Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro, 2015.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SANTOS, Milton. “**O território e o saber local: algumas categorias de análise**”. *Cadernos IPPUR*. Rio de Janeiro, 2003; 2:15-25. <https://revistas.ufrj.br/index.php/ippur/issue/viewFile/277/86>
- SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família: o outro necessário. In: **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. LEAL, M. C.; MATOS, M. C.; SALES, M. A. (org.). 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2006. P. 115-129.
- SEBRAE. **PAINEL REGIONAL BAIXADA FLUMINENSE**. Observatório Sebrae/RJ. Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2015.
- SIMÕES, M. S. **A Cidade Estilhada**: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense. UFF: Niterói, 2006.
- SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e sociedade**. NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (org.). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. P. 130-159.
- SOUZA, Celina. **Políticas Públicas**: uma revisão da literatura. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45.
- SPOSITO, Marília Pontes. Juventude: crise, identidade e escola. In: **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. DAYRELL, Juarez (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 96-104.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução: Marcos Bagno. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

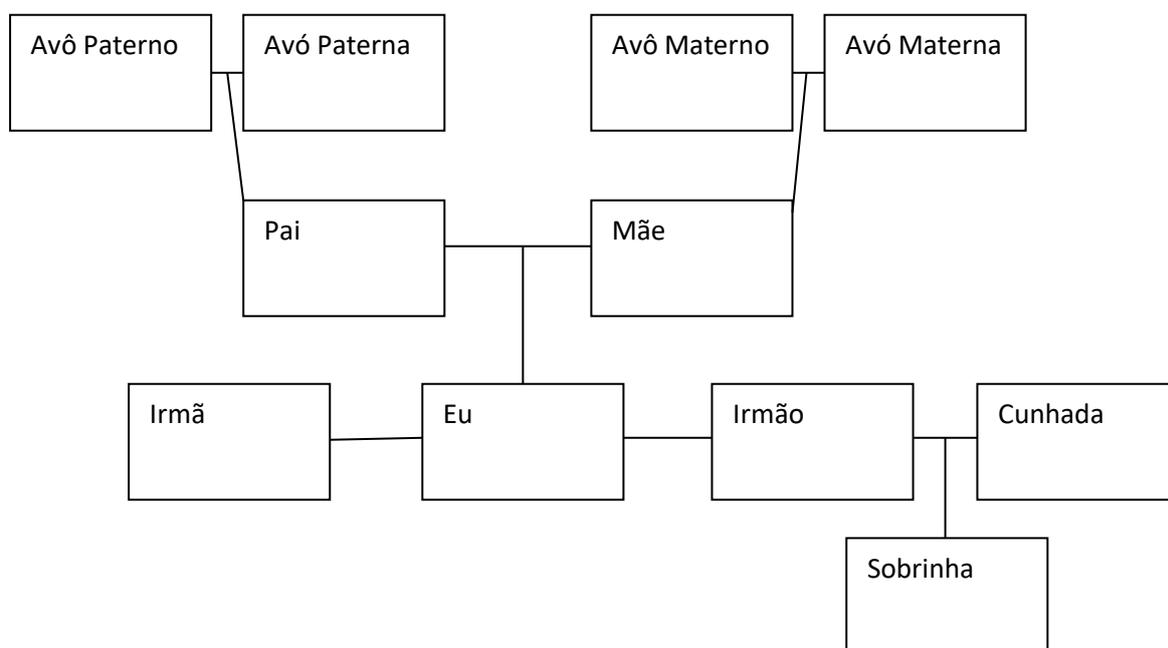
## ANEXOS

### 1.1. Atividades para a construção das autobiografias

Essas atividades foram elaboradas com o objetivo de auxiliar a escrita autobiográfica dos participantes da pesquisa.

#### 1.1.1. Elaborar a Árvore Genealógica

Construir a árvore genealógica com todos os membros familiares próximos e suas reações, como o exemplo abaixo:



#### 1.1.2. Elaborar Linha do Tempo

Construir uma linha do tempo onde elejam 10 eventos antes do primeiro contato com a ONG Casa do Menor e 10 eventos depois, como o exemplo abaixo:

1. Ano – Evento – comentário;
2. Ano – Evento – comentário;
3. Ano – Evento – comentário;
4. Ano – Evento – comentário;
5. Ano – Evento – comentário;
6. Ano – Evento – comentário;
7. Ano – Evento – comentário;
8. Ano – Evento – comentário;
9. Ano – Evento – comentário;
10. Entrada na Casa do Menor;
11. Ano – Evento – comentário;
12. Ano – Evento – comentário;
13. Ano – Evento – comentário;
14. Ano – Evento – comentário;
15. Ano – Evento – comentário;
16. Ano – Evento – comentário;
17. Ano – Evento – comentário;
18. Ano – Evento – comentário;

19. Ano – Evento – comentário;

20. Ano – Evento – comentário;

### 1.1.3. Elaborar Painel do Futuro

Construir um painel imagético que ilustre suas ambições, desejos e sonhos para o futuro, como o exemplo abaixo:



### 1.1.4. Diretrizes para Escritas Autobiográficas

Prazos e formatos:

- Enviar primeira versão até 17/06 (entrega, leitura e devoluções para reescrita); no email [romulosvieira7@gmail.com](mailto:romulosvieira7@gmail.com)
- Escrita descritiva de 3 páginas, valorizando os aspectos mais significativos, fotos e imagens autorizadas. Seria bom cada um(a) ter uma foto pessoal, ao menos;
- Fonte 12; espaçamento 1,5; lateral esquerda 3, direita, superior e inferior 2.

### I ENFOQUES PESSOAIS, SOCIO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS:

- Dados Identitários (Pessoal, familiar, comunitário, territorial... nome, nascimento, cor, aspectos identitários, sócio-econômico, renda...)
- Enfoques de formações pessoais, sócio-culturais que colaborem com a intenção de valorização de experiências, vivências, potências sociais, culturais, educacionais, artísticas, estéticas...aprendizagens,

grupos...

## **II ENFOQUES DO ACESSO AS ATIVIDADES DA ONG CASA DO MENOR**

- descrição das vivências significativas no ensino, nas práticas e formação; projetos que participou e momentos importantes;
- Quem fui eu dentro da instituição; Quais foram os trabalhos que realizou que mais gostou de fazer; Qual é o seu perfil depois que vivenciou as atividades da ONG;

## **III ENFOQUES PÓS-ACESSO A CASA DO MENOR**

- E agora?

Depois do acesso

- Quais são minhas percepções sobre o mundo? Mudaram?
- Quais são minhas percepções sobre classe, gênero, raça, religião?
- no mundo do trabalho, emprego e renda...

## **IV PROJETANDO HORIZONTES**

- O que desejo para meu futuro
- Quais profissões que desejo exercer?
- Quais são meus sonhos?